



IDEM

INFORMATIVO DR. EDUARDO MONTEIRO

Edição Especial de
aniversário de Kardec

O Espiritismo de Allan Kardec em sua essência



Edição 353

OUTUBRO | NOVEMBRO 2025

ÍNDICE

03

Gratidão, Kardec!

5

O Que Disse Kardec
As 23 Obras de Allan Kardec

12

Filosofia e Espiritismo
A Filosofia Espírita da Fé Raciocinada

15

Psicologia Espírita por
Joanna de Angelis
O Inconsciente Coletivo e a Gratidão

16

O L. E. Sob a Ótica
Filosófica de Miramez
Liberdade de Pensar

19

Instruindo-se com a Revista Espírita
Resposta a uma Pergunta Sobre
Espiritismo Religioso

22

Desvendando O Evangelho
Segundo o Espiritismo
O Homem no Mundo

25

Ciência e Espiritismo
A Pureza Doutrinária e a Ciência

31

Aprofundando o Conhecimento
das Leis Divinas
Como o Espírita Deve
Ver a Sociedade

32

Obras Básicas em Foco
Impossibilidade Material
das Penas Futuras

34

Herculano Pires - Apóstolo de Kardec
A Prece "O Pai Nosso"

41

Para Reflexão
Opinião do Espírita no
Movimento Espírita

42

Fala, Irmão José
Vibrações Negativas

43

Espaço Chico Xavier
Lições da Trevas

44

Sugestão de Leitura
Sociedade da Esperança
Jerri Almeida

48

A Mulher na História
e no Espiritismo

50

Cuidados Cognitivos
na Divulgação Espírita

55

Como Allan Kardec nos ensinou a
Estudar e a Viver o Espiritismo?

58

Ação e Reação ou Causa e Efeito?

56

Um Discurso de Allan Kardec

Fora da Caixa

61

Luiz Fernando Veríssimo
O Cronista que Ensinou o
Brasil a Rir de Si Mesmo

63

Alice Ruiz
"Proesias"

64

O que é Sharenting e o que os
pais devem saber antes de
postar fotos online

Gratidão, Kardec!



Allan Kardec, que nasceu em 03/10/1804 em Lyon na França, foi o pseudônimo adotado pelo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, notável pedagogo, professor e tradutor, na hora de sistematizar as pesquisas — consideradas como científicas por ele — sobre os fenômenos para-normais e a mediunidade.

Da maneira como ele entendia, não se tratava de ter "inventado" o espiritismo. **Allan Kardec considerava-se o "codificador" da ideia. Que, para ele, também não era uma religião — mas, sim, uma doutrina, compatível com a religiosidade cristã e, principalmente, com a ciência e a filosofia então preponderantes na Europa do século 19.**

O estudo sobre Espiritismo partiu do interesse em magnetismo. No início, Kardec atribuía as movimentações de objetos, ruídos incomuns e pancadas sem explicação aparente, que ocorriam em sessões de mediunidade, ao fenômeno físico de atração e repulsão da matéria. A partir do aprofundamento nessas investigações das mesas girantes e do diálogo com os espíritos, descobriu que chegara a hora de uma revolução moral inevitável, grande o suficiente para transformar o mundo. Para o desenvolvimento dessa missão e base de estudo, buscou critérios lógicos e coerentes a partir de uma visão racional, como cientista que era, seguindo uma metodologia de trabalho, coletando, selecionando e analisando criteriosamente as mensagens recebidas.

Acesse a biografia completa aqui: [Resgatando Kardec](#)

Acesse as obras fundamentais do Espiritismo aqui: [Obras Fundamentais do Espiritismo](#)

Homenagem a Allan Kardec

Vejamos alguns trechos do belíssimo discurso pronunciado no túmulo de Allan Kardec por seu amigo, o astrônomo e pensador, Camille Flammarion.

“Allan Kardec consagrou a primeira parte de sua vida a escrever obras clássicas, elementares, destinadas, sobretudo, ao uso dos educadores da juventude. Quando, por volta de 1855, as manifestações, aparentemente novas, das mesas girantes, das pancadas sem causa ostensiva, dos movimentos insólitos de objetos e móveis, começaram a chamar a atenção pública e determinaram, mesmo nas imaginações mais aventureiras, uma espécie de febre pela novidade dessas experiências, Allan Kardec, estudando ao mesmo tempo o magnetismo e seus efeitos estranhos, seguiu com a maior paciência e uma prudente perspicácia as experiências e o grande número de tentativas que então se faziam em Paris.

Recolheu e pôs em ordem os resultados obtidos por essa longa observação e com eles compôs um corpo de doutrina publicada em 1857, na primeira edição de *O Livro dos Espíritos*. Vocês todos sabem o sucesso que esta obra teve na França e no estrangeiro...

Após essa primeira obra, apareceram, sucessivamente, *O Livro dos Médiuns* ou *Espiritismo experimental*; *O que é o Espiritismo?* ou resumo em forma de perguntas e respostas; *O Evangelho segundo o Espiritismo*; *O Céu e o Inferno*; *A Gênese*. E a morte acaba de surpreendê-lo no momento em que, em sua atividade infatigável, trabalhava em uma obra sobre as relações entre o Magnetismo e o Espiritismo...

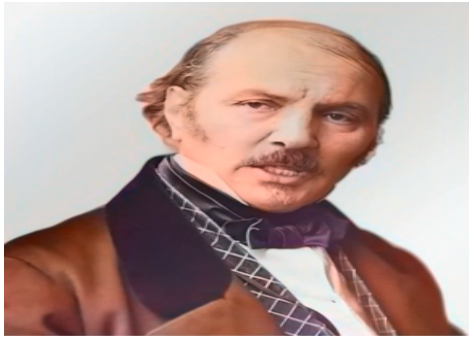
Allan Kardec foi homem de ciência que, sem dúvida, não pôde prestar este primeiro serviço e assim propagar ao longe, como um convite, a todos os corações. Mas ele era o que chamarei simplesmente de “o bom senso encarnado”. Raciocínio reto e sensato, aplicava sem negligência em sua obra permanente as indicações íntimas do senso comum. Isto não era uma qualidade menor, na ordem de coisas que nos ocupam. Era, pode-se afirmar, a primeira de todas e a mais preciosa, sem a qual a obra não teria se tornado popular nem lançado suas imensas raízes no mundo. A maior parte daqueles que se dedicaram a estes estudos lembra-se de ter sido, na juventude, ou em certas circunstâncias especiais, testemunhas de manifestações inexplicadas. Há poucas famílias que não as tenham observado em sua história. O primeiro ponto era aplicar a esses testemunhos a razão firme do simples bom senso e examiná-los segundo os princípios do método positivo...

Porque, senhores, o Espiritismo não é uma religião, mas uma ciência, da qual conhecemos apenas o a, b, c. Acabou o tempo dos dogmas. A natureza abraça o Universo, e o próprio Deus, que há muito tempo é feito à imagem do homem, só pode ser considerado pela Metafísica moderna como um Espírito na natureza. O sobrenatural não existe. As manifestações obtidas por intermédio dos médiuns, como as do magnetismo e do sonambulismo, são de ordem natural e devem ser severamente submetidas ao controle da experiência. Não há mais milagres. Assistimos à aurora de uma ciência desconhecida. Quem poderá prever a quais consequências conduzirá, no mundo do pensamento, o estudo positivo desta nova psicologia?

A ciência nos abre pontos de vista tão autorizados quanto os precedentes, sobre os fenômenos da vida e da morte e sobre a força que nos anima. Basta-nos observar a circulação das existências”...

Fonte: Livro *Obras Póstumas*

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



O Que Disse Kardec

As 23 Obras de Allan Kardec

No dia 3 de outubro de 1804, reencarnava em Lyon, França Allan Kardec (Hippolyte Léon Denizard Rivail) e só temos a agradecer por todo o conjunto de seu trabalho. O mestre lionês produziu 23 obras Fundamentais (foram 32 publicações no total) para nos entregar o Espiritismo, essa doutrina lúcida e lógica, a qual possui como premissa fundamental a moralização da humanidade.

Foram mais de 12 anos de escritos e pesquisas, lúcidas, científicas, exaustivas, um verdadeiro primor deixado para todos nós. Para homenagearmos Kardec, publicamos este post com um resumo sobre cada uma das 23 obras de Allan Kardec para que você possa compreender ainda mais a dimensão deste legado.

1. O que é o Espiritismo?

Resumo: Ao apresentar este importante livro aos leitores, Kardec afirmou: Este resumo não é somente útil para os iniciantes, que poderão nele, em pouco tempo e sem muito esforço, haurir as noções mais essenciais, mas também o é para os adeptos aos quais ele fornece os meios para responder às primeiras objeções que não deixam de lhes fazer, e, de outra parte, porque aqui encontrarão reunidos, em um quadro restrito, e sob um mesmo exame, os princípios que eles não devem jamais perder de vista. Contendo ainda: '*O Espiritismo em sua mais simples expressão*' e '*Resumo da lei dos fenômenos espíritos*'.

Acesse O que é o Espiritismo no site do GEEDEM: [O que é o Espiritismo](#)

2. O Livro dos Espíritos

O Livro dos Espíritos, para a parte filosófica, cuja primeira edição foi publicada em 18 de abril de 1857;

Resumo: Contendo os princípios da doutrina espírita sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens; as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da humanidade, segundo os ensinamentos dados por Espíritos superiores com o concurso de diversos médiuns, reunidos e organizados

O Livro dos Espíritos contém a doutrina espírita; como generalidade, prende-se à doutrina espiritualista, uma de cujas fases apresenta. Essa a razão por que traz no cabeçalho do seu título as palavras: Filosofia espiritualista.

Acesse *O Livro dos Espíritos* no site do GEEDEM: [O Livro dos Espíritos](#) (Tradução J. Herculano Pires)



3. O Livro dos Médiuns ou Guia dos médiuns e dos evocadores

O Livro dos Médiuns ou Guia dos médiuns e dos evocadores, para a parte experimental e científica (janeiro de 1861);

Resumo: O Livro dos Médiuns reúne o ensino especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade e as dificuldades e escolhos que se podem encontrar na prática do Espiritismo, além de precioso vocabulário espírita na sua parte final. De leitura e consulta indispensável para os espíritas, será também valiosa fonte de conhecimento para qualquer pessoa que se interesse pelo fenômeno mediúnico, seja qual for a religião que professe, visto representar o mais completo tratado de Espiritismo experimental até hoje publicado, o manual mais seguro para todos os que se dedicam às atividades de comunicação com o mundo espiritual. Esta obra, portanto, não se destina exclusivamente aos médiuns em geral, mas a todos os que estejam em condições de ver e observar os fenômenos espíritas.

Acesse *O Livro dos Médiuns* no site do GEEDEM: [O Livro dos Médiuns](#) (Tradução J. Herculano Pires)



4. A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo

Resumo: Esta obra é mais um passo dado ao terreno das consequências e das aplicações do Espiritismo.

Conforme seu título o indica, tem ela por objeto o estudo dos três pontos até agora diversamente interpretados e comentados: do Evangelho, a Gênese, os milagres e as predições – agora observados em suas relações com as novas leis que decorrem da observação dos fenômenos espíritas.

Acesse *A Gênese, os milagres e as predições* no site do GEEDEM: [A Gênese](#)

5. O Evangelho segundo o Espiritismo

O Evangelho segundo o Espiritismo, para a parte moral (abril de 1864);

Resumo: Baseado em instruções de Espíritos superiores, sempre registradas nos finais dos capítulos, Kardec explica as máximas morais de Jesus, convidando-nos a vivenciá-las no nosso dia a dia.

Expondo com clareza e simplicidade à razão e ao coração, é o livro de cabeceira de milhares e milhares de espíritas.

A sua introdução define o objetivo desta obra: abordar exclusivamente o ensinamento moral do Evangelho, pois esse código divino “é, acima de tudo, o caminho infalível da felicidade esperada”.

Esta obra é para uso de todos. Dela podem todos haurir os meios de confortar com a moral do Cristo o respectivo proceder. Aos espíritas oferece aplicações que lhes concernem de modo especial. Graças às relações estabelecidas, doravante e permanentemente, entre os homens e o mundo invisível, a lei evangélica, que os próprios Espíritos ensinaram a todas as nações, já não será letra morta, porque cada um a compreenderá e se verá incessantemente compelido a pô-la em prática, a conselho de seus guias espirituais. As instruções que promanam dos Espíritos são verdadeiramente as vozes do céu que vêm esclarecer os homens e convidá-los à prática do Evangelho.

Acesse *O Evangelho segundo o Espiritismo* no site do GEEDEM: [O Evangelho Segundo o Espiritismo](#)



6. O Céu e o Inferno ou a Justiça divina segundo o Espiritismo

O Céu e o Inferno ou a Justiça divina segundo o Espiritismo (agosto de 1865);

Resumo: Publicado em 1865, *O Céu e o Inferno ou a Justiça divina segundo o Espiritismo* é uma das obras fundamentais da doutrina espírita e o quarto livro de Allan Kardec.

Qual o destino do homem após a morte física? Quais as causas do temor da morte? O que são o Céu e o Inferno? O que são os anjos e os demônios? Como procede a Justiça divina? Estas e outras questões correlatas são devidamente esclarecidas, na Primeira Parte desta obra, à luz da lógica e dos ensinamentos dos Espíritos. Na Segunda Parte, intitulada Exemplos, Kardec registra numerosas comunicações de Espíritos – classificados por categorias, tais como: felizes, sofredores, arrependidos, endurecidos, suicidas – que exemplificam toda a teoria exposta anteriormente.

Acesse *O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo* no site do GEEDEM: [O Céu e o Inferno](#) (Tradução J. Herculano Pires)



Revista espírita, Jornal de estudos psicológicos

Periódico mensal, a Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos – circulou pela primeira vez em Paris, no dia 1º de janeiro de 1858, e foi publicada sob a responsabilidade direta de Allan Kardec até a sua desencarnação, ocorrida em 31 de março de 1869, passando, a partir de então, a ser administrada pelos seus continuadores até os nossos dias.

Allan Kardec transformou-a numa espécie de tribuna livre, na qual sondava a reação dos homens e a impressão dos Espíritos acerca de determinados assuntos, ainda hipotéticos ou malcompreendidos, enquanto lhes aguardava a confirmação, utilizando o critério da concordância e da universalidade do ensino dos Espíritos. Inúmeros capítulos dos livros básicos da Codificação, na íntegra ou com pequenas modificações, vieram à luz por meio da Revista Espírita. Pelas suas páginas admiráveis desfilam os assuntos mais diversos, desde a fenomenologia mediúnica nos seus variados matizes, até as dissertações da mais pura moral evangélica, a vida no mundo espiritual, a sorte futura reservada aos que praticam e aos que não praticam o bem, a justiça da reencarnação, a bondade e a misericórdia divinas, enfim, os princípios fundamentais em que se assenta o Espiritismo. Com quase sete mil páginas em sua versão brasileira, esta Coleção compõe-se de doze volumes, referentes aos anos de 1858 a 1869, além do Índice geral elaborado para facilitar a pesquisa, permitindo mais amplo estudo do Espiritismo.

Muitos não sabem, mas esse é o subtítulo completo desse periódico: jornal de estudos psicológicos. No contexto de Kardec, a Psicologia não tinha a característica terapêutica materialista de hoje: ela era uma ciência moral, espiritualista, inserida no contexto do Espiritualismo Racional, e seu principal objetivo era investigar e analisar as leis naturais que regem a natureza humana, inclusive de forma experimental.

Nesse contexto, a Psicologia compreendia o ser humano como um ser constituído de corpo e de alma. A alma, que sobreviveria ao corpo, era a causa primária da psique, não sendo esta um efeito apenas material de química e estímulos.

Acesse o Índice Geral da Revista Espírita o site do GEEDEM: [Índice Geral da Revista Espírita](#)

7. Revista espírita, Jornal de estudos psicológicos de 1858

Acesse a Revista Espírita de 1858 no site do GEEDEM: [Revista espírita 1858](#)

8. Revista espírita, Jornal de estudos psicológicos de 1859

Acesse a Revista Espírita de 1859 no site do GEEDEM: [Revista espírita 1859](#)

9. Revista espírita, Jornal de estudos psicológicos de 1860

Acesse a Revista Espírita de 1860 no site do GEEDEM: [Revista espírita 1860](#)

10. Revista espírita, Jornal de estudos psicológicos de 1861

Acesse a Revista Espírita de 1861 no site do GEEDem: [Revista espírita 1861](#)

11. Revista espírita, Jornal de estudos psicológicos de 1862

Acesse a Revista Espírita de 1862 no site do GEEDem: [Revista espírita 1862](#)

12. Revista espírita, Jornal de estudos psicológicos de 1863

Acesse a Revista Espírita de 1863 no site do GEEDem: [Revista espírita 1863](#)

13. Revista espírita, Jornal de estudos psicológicos de 1864

Acesse a Revista Espírita de 1864 no site do GEEDem: [Revista espírita 1864](#)

14. Revista espírita, Jornal de estudos psicológicos de 1865

Acesse a Revista Espírita de 1865 no site do GEEDem: [Revista espírita 1865](#)

15. Revista espírita, Jornal de estudos psicológicos de 1866

Acesse a Revista Espírita de 1866 no site do GEEDem: [Revista espírita 1866](#)

16. Revista espírita, Jornal de estudos psicológicos de 1867

Acesse a Revista Espírita de 1867 no site do GEEDem: [Revista espírita 1867](#)

17. Revista espírita, Jornal de estudos psicológicos de 1868

Acesse a Revista Espírita de 1868 no site do GEEDem: [Revista espírita 1868](#)

18. Revista espírita, Jornal de estudos psicológicos de 1869

Acesse a Revista Espírita de 1869 no site do GEEDem: [Revista espírita 1869](#)

19. O Espiritismo em sua mais simples expressão

Resumo: O Espiritismo na sua mais simples expressão divide-se em três partes (“Histórico do Espiritismo”, “Resumo do ensino dos Espíritos” e “Máximas extraídas do ensino dos Espíritos”) e teve como objetivo popularizar o Espiritismo por meio de uma apresentação sucinta dos princípios da doutrina espírita e do contexto histórico de seu surgimento.

Acesse *O Espiritismo na sua mais simples expressão* no site do GEEDEM: [O Espiritismo na sua mais simples expressão](#)



20. Viagem espírita em 1862

Resumo: Entre os anos de 1860 a 1867, Allan Kardec visitou mais de vinte cidades da França e da Bélgica. Suas impressões sobre essas viagens e suas observações sobre a popularização do Espiritismo deram origem ao livro ‘Viagem Espírita em 1862’.

Acesse *Viagem Espírita de 1862* no site do GEEDEM: [Viagem Espírita de 1862](#)



21. Instruções práticas sobre as manifestações espíritas

Resumo: Contendo a exposição completa das condições necessárias à comunicação com os Espíritos e os meios de desenvolver nos médiuns a faculdade mediadora.

Trata-se da primeira tentativa de um vocabulário espírita - cerca de 160 verbetes - realizada pelo próprio Allan Kardec. Notável quadro sinótico da nomenclatura espírita. Lançada em 1858 (O Livro dos Espíritos data de 1857) esta é, em ordem cronológica, a segunda obra da Codificação. Onze capítulos, dedicados aos médiuns e estudiosos da mediunidade.

Obra esquecida que Jean Mayer, o grande sucessor de Kardec, redescobriu em 1923. Trabalho de síntese, em que a didática do professor Rivail se faz extraordinariamente sentir, revelando-se uma apostila endereçada às Escolas de Médiuns.

Acesse *Instruções práticas sobre as manifestações espíritas* no site do GEEDEM: [Instruções práticas sobre as manifestações espíritas](#)

22. Resumo da lei dos fenômenos espíritos

Resumo: Exposição sumária do Espiritismo prático, cujo percurso vai da natureza dos Espíritos às reuniões espíritas, passando pelas manifestações dos Espíritos e pelo papel dos médiuns.

Acesse *Resumo das leis dos fenômenos espíritos* no site do GEEDEM: [Resumo da lei dos fenômenos espíritos](#)

23. Catálogo racional de obras para se fundar uma biblioteca espírita

Resumo: O Catálogo racional de obras para se fundar uma biblioteca espírita, foi o último trabalho original publicado pelo fundador do Espiritismo. O Catálogo racional é fundamental para todos os que desejam aprofundar-se nos estudos da doutrina, pois contém a indicação de cerca de 200 livros, todos classificados criticamente por Allan Kardec, permitindo-nos penetrar mais profundamente em seus pensamentos e na literatura espírita.

No Catálogo são relacionadas as obras fundamentais da doutrina espírita, outras complementares (música, poesia, desenho) e outras de oposição ao Espiritismo naquela época, demonstrando que Kardec não as temia, tal a sua convicção quanto à doutrina que se dispôs a codificar.

Acesse *Catálogo racional para se fundar uma biblioteca espírita* no site do GEEDEM: [Catálogo racional para se fundar uma biblioteca espírita](#)

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Quer um roteiro para o Evangelho no Lar?
Faça o download em:

https://www.geedem.org.br/_files/ugd/e8d4a7_dfb-c6f62430e41748ac-08d405f128738.pdf



Filosofia e Espiritismo

A filosofia, um dos três vértices basilares do Espiritismo, nos propicia expandir e quebrar paradigmas, além da reflexão diária necessária para ressignificarmos a vivência na Terra. Quando se diz que o Espiritismo é uma filosofia, não se pode confundi-lo com um sistema filosófico, do tipo do sistema de Kant, ou de Hegel. A Filosofia espírita nos comporta a ideia de que temos que nos conhecer, nos melhorar e de forma humanitária e coerente melhoraremos o mundo. Através dessa filosofia a educação do homem como um todo se torna mais evidente e mais dinâmica, misturando-se ao empirismo social e às novidades de características morais. O homem torna-se controlador de si mesmo a medida que se eleva e se conhece. Somente através disso é que a evolução se dá. Devemos tratar a filosofia espírita com o máximo de respeito pois foi através dessas inúmeras reflexões que Kardec pôde trazer um conteúdo tão rico de renovações e esperanças a todos nós!

A FILOSOFIA ESPÍRITA DA FÉ RACIOCINADA

“A fé espírita há de ser permanentemente reconstruída no diálogo com os diversos saberes, especialmente na interação entre o saber humano, de vertente científica, filosófica ou experiencial, e o saber espiritual, originado da interlocução mediúnica.

Eis, portanto, sob formulação espírita, a razão comunicativa, um movimento de construção da crença erigido sobre o diálogo e, por isso, capaz de “enfrentar a razão, face a face, em qualquer época da Humanidade”.

As relações entre fé e razão desde o princípio fazem parte do debate filosófico espírita, com a criação por Allan Kardec do conceito de fé raciocinada. De um ponto de vista conceitual, estabelece-se uma contradição aparentemente insuperável, porquanto a fé se funda na convicção e a razão, na dúvida; resulta, então, que ambos se contradizem. Ora, como crer e duvidar são práticas antagônicas por definição, o conceito de “fé raciocinada”, seria por isso um evidente contrassenso.

Em Kardec, esse conceito é apresentado dentro de um quadro argumentativo construído para negar uma outra noção, atribuída pelo professor lionês às religiões dogmáticas: a “fé cega”. Nesse sentido, a fé raciocinada seria algo próximo de “fé fundamentada”, isto é, o adjetivo referente ao raciocínio daria ao sujeito o significado de um estado, e não de um processo. Ou seja, a fé raciocinada não seria propriamente uma “fé que raciocina”, e sim, uma fé que já raciocinou antes, para se constituir. Tal interpretação consegue parcialmente satisfazer o quadro lógico de separação entre fé e razão: haveria primeiro o movimento de raciocínio e, somente depois, a fé se constituiria.

“Esse ponto de vista, entretanto, não é satisfatório, sob o prisma kardequiano. Ainda nas menções que faz sobre a questão da fé, o codificador publicou em “O Evangelho Segundo o Espiritismo” um axioma que se tornou famoso nos meios doutrinários espíritas: *“Fé inabalável só é a que pode encarar a razão, face a face, em todas as épocas da Humanidade”*. Nessa proposição, Allan Kardec nos remete a uma percepção histórica, processual, do fenômeno da crença, delimitando, com o rigor que lhe era próprio, a característica especial e profundamente inovadora da fé espírita.”

Nesse contexto, a fé raciocinada – qualidade que a tornaria inabalável – seria não apenas aquela que se constituísse por um movimento de decisão racional, mas, também, a que se mantivesse em regime de racionalidade contínua, inclusa essa exigência no exercício da própria fé. A conciliação necessária, nesse caso, entre os conceitos de fé e razão, seria feita pela mudança de um raciocínio lógico para um raciocínio dialético: os contrários, ao invés de se excluírem, se complementam, se conjugam, na explicação da realidade.

Dentro desse modo de pensar, a fé espírita forma um par dialético inseparável com a razão espírita. Tal ideia significa que a crença espírita é basicamente uma fé que admite dúvida e com ela convive, durante todo o tempo. Trata-se, pois, de uma fé aberta, dialogal, disposta a modificar as próprias opiniões ou o objeto de sua manifestação como crença, desde que satisfeitas as condições do livre exercício da razão. Em contrapartida, a razão espírita constitui uma dúvida que se baseia na fé, capaz de fazer emergir as desconfianças naturais da racionalidade sem uma pretensão cética ou cientificista, e que, sobretudo, está disposta a admitir a crença e a confiança naqueles conteúdos sobre os quais a razão ainda não assumiu uma postura de conhecimento e verificação. Tal composição resulta no que Herculano Pires denominou, muito apropriadamente, “fideísmo crítico”.

O uso da razão é a admissão da dúvida, a qual, no Espiritismo, se funda no princípio filosófico da imperfeição espiritual (temos preferido denominá-la incompletude, para retirar o sentido pejorativo do termo “imperfeição”, como algo “errado, estragado, com defeito”), o que faz da jornada espiritual a contínua e necessária possibilidade da mudança. Por esta via, o Espiritismo funda um novo iluminismo, cuja formulação acredita na racionalidade como fundamento da fé humana e, por tal razão, confia no aperfeiçoamento das possibilidades da razão como geratriz do aprimoramento da fé.

Feitas tais considerações, de ordem filosófica, convém refletir pragmaticamente. Nem todos os espíritas na atualidade compreendem o que significa essa dimensão do conceito de fé raciocinada. Não raro, imaginam que raciocinar seja o mesmo que racionalizar, isto é, referir-se à razão como pretexto para justificar o dogma, o que transforma o argumento racional em argumento ideológico (no sentido negativo, como falsa concepção da realidade, apoiada somente em critérios de identidade religiosa), atitude que de modo algum pode ser justificada na proposta de Kardec.

Fé raciocinada, portanto, não é o mesmo que fé racionalizada (até porque todas as formas de fé podem ser enquadradas neste último tipo).

“Dentre as diversas concepções de racionalidade válidas em filosofia, acreditamos que a noção de “razão comunicativa” ou “razão consensual”, do filósofo alemão Jürgen Habermas, é a que melhor se adequa ao conceito de fé raciocinada, em Kardec. Para aquele pensador, há racionalidade sempre que houver diálogo onde se instaurem consensos entre os interlocutores, sendo que a verificação prática do consenso seria a própria demonstração de que houve racionalidade. Em outras palavras: razão é o diálogo que dá certo.”

Em Kardec, a fé raciocinada é a fé que permanece em constante contato com a razão, isto é, busca sempre um saber mais amplo, argumenta e se questiona. Para isso, a fé espírita há de ser permanentemente reconstruída no diálogo com os diversos saberes, especialmente na interação entre o saber humano, de vertente científica, filosófica ou experiencial, e o saber espiritual, originado da interlocução mediúnica. Eis, portanto, sob formulação espírita, a razão comunicativa, um movimento de construção da crença erigido sobre o diálogo e, por isso, capaz de “enfrentar a razão, face a face, em qualquer época da Humanidade”.

Os espíritas, por isso, não podem abandonar em tempo algum a possibilidade do diálogo, não apenas com os espíritos, a partir dos quais o conhecimento assume a forma de “revelação”, em definição kardequiana, mas também com os variados saberes humanos, especialmente o filosófico e o científico. A fé espírita há de ser uma fé em constante atualização, uma fé sempre renovada, sempre reconstruída. Ou recairá lamentavelmente num novo tipo de fé cega: a que se contenta em apenas fingir que vê.

Luiz Signates

Fonte: Revista Harmonia | Edição Setembro/2022

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Coloque nomes
para Vibração:

<https://www.geedem.org.br/vibracao>



Receba um
Passe Virtual:

<https://www.youtube.com/watch?v=HS5079meNRQ>

Reveja nossas lives:

https://www.youtube.com/playlist?list=PLzuBi_bNwvcEQ-nQ-m7ApH0FP3roHufbhG





O INCONSCIENTE COLETIVO E A GRATIDÃO

Diante de determinadas decisões, o ser consciente experimenta grande dificuldade em optar pela que seria a mais correta. Isso porque o inconsciente coletivo encontra-se sobrecarregado de medos, recordações afligentes, impulsos não controlados, toda a herança do primarismo ancestral, mesclando as experiências gerais e as pessoais. Tal ocorrência é resultado da sombra existente em a natureza de todas as criaturas.

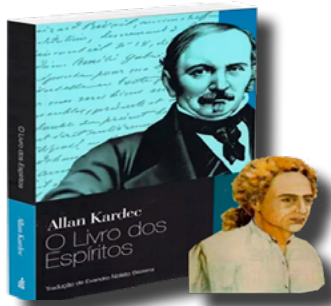
Nas experiências da alegria como da tristeza, da harmonia como do desconcerto, os grupos sociais podem compartilhá-las em razão do inconsciente coletivo, o que explica ocorrências funestas ou ditosas que sucedem simultaneamente em diferentes partes da Terra. É graças a esse comportamento que, em qualquer período, a sombra coletiva emerge do inconsciente coletivo – transmitida individualmente de pais para filhos, concomitantemente de um para outro grupo -, transformando-se em calamidade social.

Os vícios sociais, por exemplo: fumar e beber, as extravagâncias sexuais e o uso de drogas aditivas que invadem a sociedade, os jogos de videogame que se converteram em modismos, entre outros, tomam conta das massas de forma contagiante, como resultado do inconsciente coletivo, o que proporciona à sombra uma oportunidade de participar do fenômeno. Sem dúvida, ocorre de forma inconsciente e, por essa razão, manifesta-se automaticamente na sociedade, após irromper no indivíduo. As sociedades são estruturadas por acontecimentos e métodos pedagógicos de conduta infantil, quando se aprende a discernir o que é bom e o que é mau, de acordo com a cultura e a ética de cada grupo. Fosse a questão da sombra identificada desde a infância, quando se ensinaria a descobrir os impulsos que dela procedem, facultando ao educando a compreensão da própria fragilidade, dos erros, desculpando-se e corrigindo-se, esclarecendo-se que há sempre variações no comportamento, ora para o bem, ora para o mal, ficariam mais fáceis as condutas favoráveis à sociedade e a tudo quanto se lhe vincula.

A sombra ocorre no inconsciente coletivo pelo que se pode denominar como energias contrárias que caracterizam os terroristas, os criminosos em geral, como, por exemplo, Hitler, Alarico; assim também os bons cidadãos: Santo Agostinho... Em realidade, a aversão e animosidade que se sustentam no exterior procedem do íntimo no qual se fazem aliadas.....

Fonte: Psicologia da Gratidão (Joanna de Ângelis - (Psicografia Divaldo P. Franco)

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



O Livro dos Espíritos Sob a Ótica Filosófica de Miramez

“O Livro dos Espíritos é um sinal das leis universais. Quem nele estuda, meditando em seus ensinamentos, e com a ajuda de outros livros que lhe dão sequência, passa a compreender que os sinais são frases e que as frases são forças indicativas para a libertação da alma.

A coleção Filosofia Espírita é um pequeno curso para despertar no estudante valores morais e espirituais. Ele pode abrir caminhos para que a caridade se solidifique nos corações dos leitores, ampliando o saber em sequência admiráveis.” – Miramez.

O Livro dos Espíritos - Parte terceira — Das leis morais >
Capítulo X — 9. Lei de liberdade

LIBERDADE DE PENSAR

833. Haverá no homem alguma coisa que escape a todo constrangimento e pela qual goze ele de absoluta liberdade?

“No pensamento goza o homem de ilimitada liberdade, pois que não admite barreiras. Pode-se deter-lhe o ímpeto, porém, não aniquilá-lo.”

Comentário de Miramez

Cap. 17 - Liberdade de Pensar

O que nos parece, examinando a questão, é que o homem tem plena liberdade de pensar e de sentir, no entanto, mesmo que nada possa aniquilar tal valor espiritual dado por Deus, Ele tem meios diversos de tolher essa liberdade, para o bem do próprio Espírito. É o caso de certas provas pelas quais o Espírito deve passar na carne, como a idiotia congênita, em que a alma não encontra no aparelho de carne o instrumento necessário para expressar suas idéias. Ele sofre, com isso, no silêncio dos dias, por vezes de anos e séculos, dado que pode levar para o outro lado da vida o reflexo desses mesmos impedimentos, não tendo liberdade de pensar. Esse entrave é provação pelo mau uso que fez do seu instrumental da razão, praticando a arbitrariedade com seus irmãos menores. Ninguém consegue burlar a lei de justiça.

Em muitos casos, existem os que pensam, e muitos, no entanto, o fazem em circuito fechado, somente para eles, de modo a se cansarem de pensar e de ouvirem na acústica da própria alma, não conseguindo fazer chegar suas idéias aos ouvidos alheios, por terem desencaminhado muitos em outras épocas. Doutrina Espírita, sob a influência do Cristo, vem nos ensinar a usar o verbo qual o fez Jesus, ensinar a usar o dom de escrever para confortar os sofredores e usar a vida para ajudar os que sofrem. Desta forma, seremos bem-aventurados, despertando em nós a luz divina para a nossa felicidade, tornando felizes os outros.

Entretanto, nada pode "botar peias" à mente do Espírito, fazendo desaparecer para sempre a força da alma no sentido de pensar, porque Deus é perfeição e não iria fazer algo de divino que não se mostrasse com a mesma expressão da Sua luz. Temos liberdade de pensar, mas responderemos pelos pensamentos nascidos na nossa engrenagem mental. Somos muito mais responsáveis, porque a matéria que usamos para pensar, vem ungida pelo beijo de Deus, pelos canais da natureza e sob a responsabilidade, podemos dar aos pensamentos a direção que entendermos. Eis aí a nossa liberdade, porém, devemos conhecer a lei. Os pensamentos são sementes que saímos a semear. Eles são filhos de quem pensa e sempre voltam à casa paterna.

Nós, quando usamos mal os pensamentos, estamos negando a Deus e a Jesus, e se negamos, recebemos negação onde quer que estejamos. Observemos a anotação de Lucas, no capítulo doze, versículo nove: Mas o que me negar diante dos homens será negado diante dos Anjos de Deus.

Na posição em que os homens se encontram, não podemos lhes pedir o que eles não podem dar, no entanto, a boa vontade de melhorar, nós devemos incentivar todos os dias, para que se acostumem a ser mais justos e bem melhores que antes. Se nos esforçarmos para aperfeiçoar nossas qualidades, encontraremos sempre em nossos caminhos, motivos para melhorar, da parte dos Anjos do Senhor.

No pensamento, goza o homem de muita liberdade; essa liberdade somente não avança nos segredos que não podem suportar ou que ainda desconhecem. Mas, já é uma faculdade grandiosa, a de pensar e de recordar. Tanto o pobre como o rico podem pensar o que desejarem, mas fiquem sabendo que a mente em atividade já coloca o que se deseja em caminho.

834. É responsável o homem pelo seu pensamento?

“Perante Deus, é. Somente a Deus sendo possível conhecê-lo, ele o condena ou absolve, segundo a sua justiça.”

Comentário de Miramez

Cap. 18 - Responsabilidade

Já falamos alhures que somos responsáveis pelos nossos pensamentos. Eles são como que sementes, e a mente alheia é a Terra onde semeamos. Todo semear de idéias tem colheita, e a lei de justiça nos faz colher o que semeamos.

Certamente que o homem é responsável pelos seus pensamentos ante a Majestade Divina, no entanto, o Senhor, quando nos criou, e tendo onisciência, já sabia o uso que iríamos fazer dos nossos pensamentos e da nossa própria vida. A Inteligência Maior não nos criou já perfeitos, no que se refere à isenção de erros, por achar melhor que tivéssemos um pouco de trabalho para despertar os dons que se encontram em nossa estrutura espiritual, em estado de sono.

Na profundidade, somos perfeitos, por termos sido criados pelo Ser Perfeito. Somente nos resta despertar essas qualidades já existentes dentro de nós.

Deus nos condena ou absolve pelo mecanismo das leis que Ele criou, sabendo antes que iríamos errar, se esse é o termo. Se Ele soubesse que não iríamos cometer faltas, para que existiriam leis? O Espírito, quando chega à perfeição, tem as leis de Deus vibrando dentro de si e nada de exterior o pode envolver, nem tão pouco disciplinar, porque ele é amor.

Vejamos como registrou Lucas, no capítulo doze, versículo cinqüenta e um, as palavras do Mestre Jesus: Supondes que vim para dar paz à Terra?

Não, eu vô-lo afirmo, antes divisão.

Por que divisão, se o Mestre é todo amor? A sociedade, com os velhos ensinamentos, não estava compreendendo o Espírito da letra que vivifica. Trouxe o Mestre novos conceitos, mais puros, mais visíveis, mas, mesmo assim, os homens iriam alterá-los por causa da verdade mais acentuada e se dividiram, como se vê pela quantidade de religiões que se multiplicaram no mundo, alicerçando-se no mesmo Jesus e no Seu Evangelho. Eis a divisão; são sementes lançadas em várias searas, com frutos que nos parecem desviados do verdadeiro objetivo da árvore-mãe, porque os homens não se encontram maduros, na maturação que corresponde ao amor mais puro.

A seara do Senhor é grande, e faltam nela ainda os bons servidores. Os países lutam entre si, gastando quantias astronômicas e matando uns aos outros por causa do orgulho e egoísmo, por um pedacinho de Terra a menos ou a mais, por palavras que desconcertam o adversário. Mas, no fundo, é o poder e o ouro influenciando e dando margem à discussão. Não se segue Cristo, porque Ele não tinha uma pedra onde reclinar a cabeça. A usura é um monstro que devora os ideais enobrecidos dos homens. Eles vendem e compram tudo, colocando o ouro como o seu deus, aquele que atende suas "necessidades". Que fazer agora nessa corrida do ouro? As sementes irão lhes trazer frutos com o mesmo teor da sua semeadura.

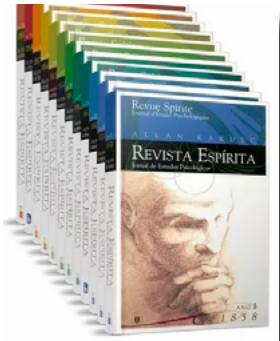
Ninguém pode reclamar do gosto amargo e das torturas advindas dos desvios das bênçãos que o Senhor lhe deu, como o poder de pensar. A justiça se faz segundo as idéias de Deus, impressas na lei de amor.

Fonte O Livro dos Espíritos e Filosofia Espírita Volume XVI

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

A esperança é uma fortuna, de natureza divina, que a fé recebe no Banco da Providência Divina.

(Meimei – Chico Xavier – Do Livro: “Roseiral de Luz”)



Instruindo-se com a Revista Espírita

Textos extraídos da Revista Espírita, para um conhecimento mais aprofundado do trabalho de Kardec e das comunicações espirituais ou, como ele mesmo o disse, servir de complemento da Codificação.

1863 » Janeiro RESPOSTA A UMA PERGUNTA SOBRE O ESPIRITISMO RELIGIOSO

Um residente de Bordeaux, a quem não temos a honra de conhecer, manda-nos a pergunta que se segue, que julgamos preferível responder pela Revista, para instrução de todos:

“Li numa de vossas obras: *‘O Espiritismo não se dirige àqueles que têm uma fé religiosa qualquer, com o fito de desviá-los, e aos quais essa fé basta à sua razão e à sua consciência, mas à numerosa categoria dos incertos e dos incrédulos, etc.’*

“Ora, por que não? Não deveria o Espiritismo, que é a verdade, dirigir-se a todo mundo? a todos os que estão no erro? Ora, os que creem numa religião qualquer, protestante, judaica, católica ou qualquer outra, não estão no erro? Sem dúvida, porque as diversas religiões professadas hoje dão como verdades incontestáveis e nos obrigam a crer em coisas completamente falsas ou, pelo menos, em coisas que podem vir de fontes verdadeiras, mas inteiramente mal interpretadas. Se está provado que as penas são apenas temporárias; - e Deus sabe se é um leve erro confundir o temporário com o eterno; -se o fogo do inferno é uma ficção e se, em vez de uma criação em seis dias se trata de milhões de séculos, etc.; se tudo isto está provado, digo eu, partindo do princípio que a verdade é uma, as crenças às quais deu lugar uma interpretação tão falsa desses dogmas não são nem mais nem menos do que falsas, pois uma coisa é ou não é. Não há meio termo.

“Por que, então, o Espiritismo não se dirigiria também a todos os que acreditam em absurdos, para dissuadi-los, como aos que em nada creem ou que duvidam, etc.?”

Aproveitamos a oportunidade da carta da qual extraímos as passagens acima, para lembrar, mais uma vez, o objetivo essencial do Espiritismo, sobre o qual o autor da carta não parece bastante convicto.

Pelas provas patentes que ele dá da existência da alma e da vida futura, base de todas as religiões, ele é a negação do materialismo e, conseqüentemente, se dirige aos que negam ou duvidam. É evidente que aquele que não crê em Deus nem na alma não é católico, nem judeu, nem protestante, seja qual for a religião em que nasceu, pois nem mesmo seria maometano ou budista.

Ora, pela evidência dos fatos, ele é levado a crer na vida futura, com todas as suas conseqüências morais. A seguir, ele é livre para adotar um culto que melhor lhe convenha à razão ou à consciência. Aí, porém, termina o papel do Espiritismo.

Ele ajuda a percorrer três quartos do caminho; a transpor o passo mais difícil, o da incredulidade. Aos outros cabe fazer o resto.

- Mas, poderá perguntar o autor da carta, e se nenhum culto me convém?

- Ora! Então, permaneçei o que sois. Aí o Espiritismo nada pode. Ele não se encarrega de vos fazer abraçar um culto à força, nem de discutir para vós o valor intrínseco dos dogmas de cada um. Ele deixa isto à vossa consciência. Se o que o Espiritismo dá não vos basta, buscai, entre todas as filosofias existentes, uma doutrina que melhor satisfaça às vossas aspirações.

Os incrédulos e os que duvidam formam uma classe muito numerosa, e quando o Espiritismo diz que não se dirige aos que têm uma fé qualquer, e aos quais essa fé basta, entende que ele não se impõe a ninguém e não violenta nenhuma consciência. Dirigindo-se aos incrédulos, chega a convencê-los pelos meios que lhe são próprios; pelos raciocínios que ele sabe terem acesso à sua razão, considerando-se que os outros foram impotentes. Numa palavra, ele tem o seu método, com o qual, diariamente, obtém belíssimos resultados. Entretanto, ele não tem uma doutrina secreta. Ele não diz a uns: abri os ouvidos, e a outros: fechai-os. A todos fala pelos seus escritos, e cada um é livre de adotar ou rejeitar sua maneira de encarar as coisas. Assim, faz crentes fervorosos dos que eram incrédulos. Eis tudo o que ele quer.

Àquele que dissesse: “Tenho minha fé e não quero mudá-la; creio na eternidade absoluta das penas, nas chamas do inferno e nos demônios; continuo até crendo que é o Sol que gira, porque a Bíblia o diz, e creio ser este o preço de minha salvação”, responde o Espiritismo: “Guardai as vossas crenças, já que elas vos convêm; ninguém procura vos impor outras. Eu não me dirijo a vós, pois nada quereis de mim”. E nisto ele é fiel ao seu princípio de respeitar a liberdade de consciência. Se alguém se julga em erro, é livre de fitar a luz, que brilha para todos. Os que se julgam certos têm liberdade de desviar o olhar.

Mais uma vez, o Espiritismo tem um objetivo do qual não quer nem deve afastar-se. Ele sabe o caminho que deve seguir e segui-lo-á sem se desviar pelas sugestões dos impacientes.

Cada coisa vem a seu tempo e querer ir muito depressa é frequentemente recuar em vez de avançar.

Ainda duas palavras ao autor da carta:

Parece-nos haver uma falsa aplicação do princípio de que a verdade é uma, concluindo-se que certos dogmas, como o das penas futuras e da criação, receberam uma interpretação errada, e que tudo deve ser falso na religião.

Não vemos todos os dias as ciências positivas reconhecendo certos erros de detalhes, sem que, por isso, a Ciência esteja radicalmente errada? A Igreja não se pôs de acordo com a Ciência em relação a certas crenças de que outrora fazia artigo de fé? Ela não reconhece hoje a lei do movimento da Terra e dos períodos geológicos da criação, que havia condenado como heresias? Quanto às chamas do inferno, toda a alta teologia concorda que é uma imagem e que por ela se deve entender um fogo moral e não material. Sobre vários outros pontos, as doutrinas são menos absolutas do que outrora.

Daí pode concluir-se que um dia, cedendo à evidência dos fatos e provas materiais, ela compreenderá a necessidade de uma interpretação em harmonia com as leis da Natureza, sobre pontos ainda controvertidos, porque nenhuma crença poderia legitimamente nem racionalmente prevalecer contra essas leis.

Deus não pode contradizer-se estabelecendo dogmas contrários às suas leis eternas e imutáveis, e o homem não pode pretender pôr-se acima de Deus, decretando a nulidade dessas leis. Ora, a Igreja, que compreende esta verdade para certas coisas, compreendê-la-á igualmente quanto a outras, notadamente no que concerne ao Espiritismo, em todos os pontos fundados sobre as leis da Natureza, ainda mal compreendidas, mas que são a cada dia melhor compreendidas.

Não nos devemos apressar a rejeitar o todo porque certas partes são obscuras e defeituosas, e cremos útil, a propósito, lembrar a fábula [A Macaca, o Macaco e a Noz¹](#).

1 Uma macaquinha apanha uma noz com a casca verde, morde-a e a joga fora, maravilhada que alguém gostasse de algo tão amargo. Um macaco mais velho, mais perspicaz, apanha a noz, quebra-a e come o miolo, mostrando o valor do que é mais profundo e não apenas da superfície.

Fonte: Revista Espírita Janeiro/1863

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Procure descobrir o seu caminho na vida.
Ninguém é responsável por nosso destino, a não ser nós mesmos.

Carlos Torres Pastorino (Minutos de sabedoria)



Desvendando o Evangelho Segundo o Espiritismo

Lançada em 15 de abril de 1864, esta terceira obra básica da codificação espírita aborda os chamados evangelhos canônicos sob a ótica do espiritismo. Não se trata de uma "bíblia espírita" ou mesmo de reinterpretação doutrinária deste livro. Sua introdução define seu objetivo: abordar exclusivamente o ensinamento moral do evangelho, pois esse código divino "é, acima de tudo, o caminho infalível da felicidade esperada".

Baseado em instruções dos espíritos superiores, Allan Kardec se empenha em extrair dos evangelhos princípios universais de ordem ético moral e demonstrar sua consonância com aqueles defendidos pelo espiritismo.

Sede Perfeitos – Item 10: O HOMEM NO MUNDO

O autor, Um Espírito Protetor, inicia, conclamando a todos os que se reúnem, em nome de Deus, pedindo a assistência dos Bons Espíritos, que o façam com sentimento de piedade por toda a humanidade, afastando qualquer pensamento fútil ou mundano, que possa perturbá-los. Que, nesse momento, os corações estejam purificados, a fim de que possam elevar-se até a Espiritualidade Maior, no sentimento e no pensamento.

Somente assim, os Espíritos Bons podem agir em favor dos suplicantes, pois, precisam encontrar neles, as condições necessárias para inspirá-los, fortalecê-los na caridade e na justiça.

No orar sem elevação, a prece não estabelece a sintonia necessária entre quem ora e a quem ela é dirigida. Orar sem sentir, ou em desespero, em revolta, com exigências infundadas, as palavras ficam no ambiente físico, envoltas nas vibrações sombrias, não conseguindo rompê-las.

A prece que cria um facho luminoso entre o homem e os Bons Espíritos, que têm a missão de auxiliar os homens na Terra, tem de ser formulada com a mente e o coração pacificados na confiança da fé em Deus, no Seu amor e na Sua misericórdia.

O autor esclarece que não está incentivando uma vida mística, afastada da sociedade. "Vivei com os homens do vosso tempo, como devem viver os homens: sacrificai-vos às necessidades, e até mesmo às frivolidades de cada dia, mas fazei-o com um sentimento de pureza, que as possa santificar." *

A humanidade da Terra é constituída de Espíritos muito imperfeitos, principalmente na distância entre o desenvolvimento intelectual e moral.

Uma das suas características é a heterogeneidade de pensamentos, de prioridades, de filosofias, de estratégias do viver, temperamentos, caracteres, usos e costumes, diferenças muitas vezes antagônicas, provocadas pelo livre-arbítrio de cada um, que dificultam o inter-relacionamento.

Assim, nesses choques, consequentes dessas diferenças, a Terra oferece condições favoráveis ao aperfeiçoamento moral de cada um, embora essas condições, essas situações possam ser dolorosas muitas vezes, pela rebeldia dos homens.

No esforço de uma convivência pacífica, entre os desiguais e os diferentes, pela interdependência dos homens entre si, todos têm a oportunidade de desenvolver seu potencial espiritual. E essa necessidade, se evidencia cada vez com mais clareza, também entre nações, justamente, pelos avanços científicos e tecnológicos que a inteligência humana descobre e cria.

Deve, pois, o homem, aproveitar todas as oportunidades que a vida social proporciona, nas suas mais variadas experiências, na convivência com seus iguais e desiguais, na participação das atividades de interesses gerais, para fazer sua caminhada progressiva.

O importante é que, em tudo que se faça, haja o sentimento do bem, da pureza de intenções, com discernimento e bom-senso, de forma a não melindrar ninguém, sentindo-se alegres e felizes. Mas, que essa alegria venha da consciência do dever cumprido e da certeza de serem todos, herdeiros de Deus.

O homem pode participar das alegrias e prazeres humanos, não fazendo mal a ninguém, nem a si próprio, estando sempre com a mente e o coração voltados para o bem, ou seja, pedindo sempre a proteção divina, a fim de que Deus possa purificar e santificar seus atos.

Com essa atitude de confiança terá forças para não fazer algo da qual possa envergonhar-se e que contrarie as leis divinas.

Mesmo em um mundo de expiações e de provas, pode o homem sentir-se feliz, mantendo seus propósitos de sentir, pensar e fazer somente o bem. Não há necessidade de postura austera, sem risos e alegrias, para viver as virtudes que levam o homem a transcender-se para voos mais elevados.

E, quando houver resvalado em algo que sua consciência lhe diz não ser bom, acionar sua vontade na reparação, amparando-se na proteção divina, que jamais é negada.

Quando Jesus disse “Sede perfeitos”, ele sabia das dificuldades humanas, mas sabia também, que somente nas lutas da vida em mundos materiais, pode o Espírito imortal, pela sua perfectibilidade, fazer sua evolução, através das experiências, no desenvolvimento da inteligência e da moralidade, sempre com o amparo dos que estão em graus mais elevados.

Jesus indicou o modo como atingir essa perfeição: exercitando a caridade sem quaisquer limites, uns para com os outros, o que está ao alcance de todos, pobres e ricos, ignorantes e instruídos. E isso só pode ser feito no contato uns com os outros, em qualquer lugar e situação. Aquele que se isola, perde as oportunidades de praticá-la, retardando seu próprio progresso.

Leda de Almeida Rezende Ebner – Março/2015

**- Na tradução de Herculano Pires está a palavra sacrificar. Em “Imitation de L' Évangile Selon Le Spiritisme” de 1864, Ed. FEB de 1979, o verbo é santificar (sanctifier), assim também traduzido por Guillon Ribeiro, que a traduziu da 3ª edição francesa, revista, corrigida e modificada por Allan Kardec em 1866, ed.FEB, 1982.*

Fonte: cebatuir.org.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



O Estudo do Evangelho no Lar é uma reunião em família, num determinado dia e horário da semana, para uma leitura e troca de ideias sobre os ensinamentos cristãos, em proveito do nosso próprio esclarecimento e do equilíbrio no lar. Momento que nos permite elevar nossos pensamentos e sentimentos, favorecendo assim a assistência dos Mensageiros do Bem e harmonizando o ambiente de nosso lar.

Faça o download do roteiro para Evangelho no Lar aqui:

https://www.geedem.org.br/_files/ugd/e8d4a7_dfb6f62430e41748ac-08d405f128738.pdf

Músicas para Evangelho no Lar:

https://www.youtube.com/playlist?list=PLzuBibNwvcF6UmbKaPwyJ9BCGFvi3C_a



Ciência e Espiritismo

“O Espiritismo e a Ciência se complementam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação. (Allan Kardec- A Gênese Cap. I - item 16)

A PUREZA DOUTRINÁRIA E A CIÊNCIA

A expressão “pureza doutrinária” ainda é mal compreendida no meio espírita. Alguns acreditam que pureza doutrinária engessa o Espiritismo, impedindo o desenvolvimento do seu caráter progressista (Kardec, item 55 do cap. I de A Gênese ^[1]). Entretanto, por mais contraintuitivo pareça, é justamente a pureza doutrinária o ingrediente mais importante para se desenvolver o Espiritismo de modo eficiente. Para entender isso, vamos traçar um paralelo entre o conceito de “pureza doutrinária” e a postura dos cientistas no caráter progressivo da Ciência.

O que é e a importância da pureza doutrinária para o movimento espírita já foram debatidos na literatura espírita ^[2,3]. Como destacado anteriormente ^[3], o conceito de “pureza” de alguma “coisa” não tem valor pela “coisa” em si (que é pura por natureza), mas sim para quem a emprega em determinado fim. Por exemplo, faz sentido dizer que “a água que vou tomar é pura”, mas não faz sentido dizer que “a água pura é pura”. O adjetivo doutrinária apenas faz referência ao tipo de pureza que está sendo analisado. Assim, não faz sentido verificar se a Doutrina Espírita é pura, pois isso é redundante!

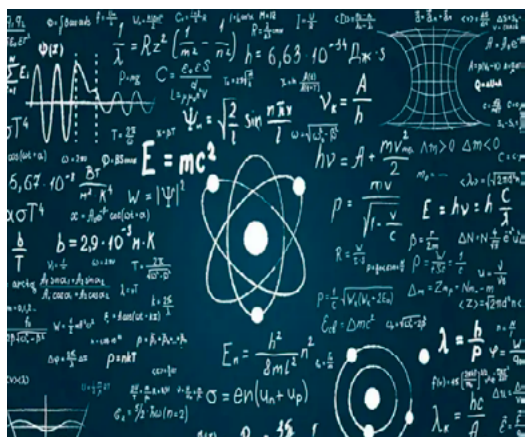
Pureza doutrinária só se aplica ao Movimento Espírita já que ele representa a prática, vivência e o emprego que se faz do Espiritismo na vida das pessoas. Nisso, será que temos consciência de tudo aquilo que estudamos, praticamos e vivenciamos reflete os ensinamentos da Doutrina Espírita? Será que a água que estamos bebendo é pura?

O Movimento Espírita (ME) é muito interessado nas descobertas da Ciência e, em particular, da Física. Logo, é sensato analisar como o caráter progressivo da Ciência se desenvolve. O que veremos a seguir é que o rigor da Ciência no seu trabalho de pesquisa representa a aplicação do conceito de pureza doutrinária no seu desenvolvimento.

Quando as pessoas assistem admiradas às notícias sobre novas descobertas da Física, mal sabem que a Física é extremamente rígida e não aceita novidades antes de se verificar todos os seus critérios de validade.

A pureza doutrinária na Física

Therezinha Oliveira, ao falar sobre a possibilidade de incorporação de novas revelações e conhecimentos ao Espiritismo, diz ^[2] que “... não sem que passem, antes, pelo crivo da razão e, quando possível, da experimentação”. Não é exatamente isso que os físicos cientistas fazem, isto é, passar pelo crivo da razão e da experimentação? Literalmente, o que os físicos fazem é seguir “à risca” o que podemos chamar de “pureza doutrinária na Física”! Mas como pode uma ciência tão progressista como a Física adotar “pureza doutrinária” em seus critérios de pesquisa? A resposta é simples. É justamente por aplicar com todo rigor seus critérios de pesquisa que os resultados de pesquisa da Física têm valor! Da mesma forma, como uma verdadeira ciência, é justamente adotando “pureza doutrinária” que o Espiritismo irá progredir a passos muito mais largos do que se imagina hoje. Não é adotando, sem critérios e razão, conceitos esotéricos, práticas pseudocientíficas e novidades de todo o tipo que o Espiritismo vai se desenvolver.



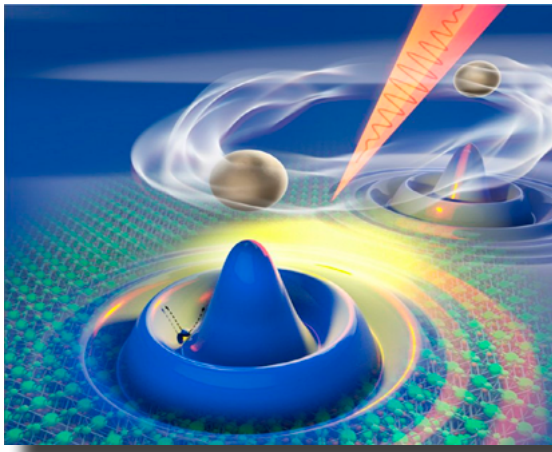
Pureza doutrinária em qualquer Ciência, incluindo a Ciência Espírita, nada mais é do que a observância dos métodos, rigores, teorias e paradigmas da própria Ciência no trabalho de pesquisa e desenvolvimento de novos conhecimentos!

O equívoco decorre de se considerar o conceito de “pureza doutrinária” como fator de estagnação. Em pleno milênio das luzes do conhecimento,

o ME precisa amadurecer o seu entendimento a respeito do significado real de pureza doutrinária. E, para isso, vamos analisar um pouco mais sobre como a Ciência se desenvolve. O equívoco decorre de se considerar o conceito de “pureza doutrinária” como fator de estagnação. Em pleno milênio das luzes do conhecimento, o ME precisa amadurecer o seu entendimento a respeito do significado real de pureza doutrinária. E, para isso, vamos analisar um pouco mais sobre como a Ciência se desenvolve.

O que confere valor a uma descoberta, em qualquer área do conhecimento, é a observância dos critérios, rigores, e fundamentos da respectiva área. Na área da Física, os físicos e cientistas seguem com rigor os métodos e conceitos estabelecidos pelas teorias e paradigmas da Física. Se algum cientista decidir utilizar métodos de outra área na investigação de conceitos de Física, isso não terá valor científico.

Se algum cientista decidir inventar novos métodos sem justificá-los em termos dos métodos e conceitos atuais, isso não terá valor científico. Assim, novas descobertas só são aceitas numa área, se forem fiéis aos conceitos, critérios e métodos do paradigma original da respectiva disciplina científica.



Por que bóson de Higgs?

Como exemplo, vamos analisar uma das descobertas recentes da Física que mais chamou a atenção da mídia: o bóson de Higgs. A revista Science dedicou espaço especial para vários artigos sobre o assunto (incluindo acesso gratuito a alguns deles ^[4]). O chamado Modelo Padrão das partículas subatômicas é considerado uma das teorias mais completas e bem

sucedidas da Física, por descrever de modo preciso as propriedades das partículas que compõem a matéria, e as forças de interação entre elas (com exceção da força da gravidade). Entretanto, uma dessas propriedades das partículas que não era explicada pela teoria é a massa. Há 40 anos, Higgs propôs a existência de um campo que seria responsável pela propriedade de massa das partículas. Como campos, segundo a Física Quântica, são formados por um tipo de partícula chamada bóson, a responsável por esse campo levou o seu nome: bóson de Higgs. Se essa partícula realmente existisse, a massa das partículas poderia ser explicada pelo Modelo Padrão de modo consistente. O conceito de “pureza doutrinária” na descoberta do bóson de Higgs se evidencia de duas formas. Uma ao verificar que, mesmo sabendo que o Modelo Padrão sustentava a existência dessa partícula, os físicos não consideravam como certa a existência do bóson de Higgs! Isso, pois, de acordo com a pureza doutrinária da Física, não basta apenas fazer sentido teoricamente, a existência do bóson de Higgs precisava ser verificada experimentalmente e com todo o rigor que a Física determina para isso.

Cientistas de diversas áreas construíram um aparelho de mais de 5 bilhões de dólares ^[4] para realizar os experimentos de colisões de partículas necessários para observar o bóson de Higgs. E a segunda forma de perceber o conceito de pureza doutrinária na Física advém do seguinte. Como os fenômenos de colisão envolvidos no experimento podem ser explicados por outros fatores, foi necessário repetir as colisões de partículas por bilhões de vezes, e por mais de um método diferente ao mesmo tempo ^[5].

O que na Física é tido como verdade

Da análise e comparação dos resultados, foi possível demonstrar que o bóson de Higgs está presente em determinados tipos de reações nucleares com um erro de 1 em ~ 300 milhões de eventos! Só assim, os físicos deram por demonstrada a existência do Bóson de Higgs! Isso é pureza doutrinária aplicada na Física! Isso é o exemplo de cuidado que a Física nos mostra antes de se considerar como verdade uma novidade qualquer.

“É preciso, pois, evitar o deixar-se seduzir pelas aparências, tanto da parte dos Espíritos, quanto da dos homens; ... é preciso que tudo seja friamente examinado, maduramente pesado, confrontado, e, se desconfiamos do próprio julgamento, (...) , é preciso recorrer a outras pessoas.” Essas palavras de Kardec, em discurso feito em 19 de setembro de 1860 aos espíritas lioneses ^[6], não expressam exatamente a postura de pureza doutrinária que a Física e toda Ciência adotam? Portanto, o movimento espírita deve valorizar a pureza doutrinária em suas atividades. É justamente ela que ajudará o caráter progressista do Espiritismo.

Para desenvolver bem o caráter progressista do Espiritismo, é necessário:

- 1)** estudar aprofundadamente as obras básicas do Espiritismo;
- 2)** estudar as obras, mediúnicas ou não, de autores bem reconhecidos no movimento espírita, sempre verificando se elas de fato não apresentam conflitos com a base doutrinária;
- 3)** evitar a adição de enxertos e novidades sem satisfazer o crivo da razão e sem a devida demonstração, que, por sua vez, não pode ocorrer de modo superficial e sem completo domínio do assunto em questão (ver, por exemplo, a análise apresentada na referência ^[7]); e
- 4)** seguir a recomendação de Erasto (item 230 de O Livro dos Médiuns ^[8]): “É melhor repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea”. Em outras palavras, como descrito na Introdução de O Evangelho segundo o Espiritismo ^[9]: “Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares. (...) Essa verificação universal constitui uma garantia para a unidade futura do Espiritismo e anulará todas as teorias contraditórias. Aí é que, no porvir, se encontrará o critério da verdade.”

Por fim, jamais esquecer que “o que costuma caracterizar uma nova revelação, quando o é de fato, não é a negação da anterior, mas, justamente, a sua confirmação dos pontos fundamentais que lhes servirão de degraus de apoio”. (Yvonne do Amaral Pereira ^[10].)

A base kardequiana e sua importância

– Para concluir, reproduzimos abaixo a preocupação dos bons Espíritos com relação à pureza e fidelidade doutrinária:

“A Doutrina Espírita possui os seus aspectos essenciais em configuração tríplice. Que ninguém seja cerceado em seus anseios de construção e produção. Quem se afeiçoe à ciência que a cultive em sua dignidade, quem se devote à filosofia que lhe engrandeça os postulados e quem se consagre à religião que lhe divinize as aspirações, mas que a base kardequiana permaneça em tudo e todos, para que não venhamos a perder o equilíbrio sobre os alicerces em que se nos levanta a organização. (...)”

(...) Acontece, porém, que temos necessidade de preservar os fundamentos espíritas, honrá-los e sublimá-los, senão acabaremos estranhos uns aos outros, ou então cadaverizados em arregimentações que nos mutilarão os melhores anseios, convertendo-nos o movimento de libertação numa seita estanque, encarcerada em novas interpretações e teologias, que nos acomodariam nas conveniências do plano inferior e nos afastariam da Verdade. (...)

(...) Allan Kardec, nos estudos, nas cogitações, nas atividades, nas obras, a fim de que a nossa fé não faça hipnose, pela qual o domínio da sombra se estabelece sobre as mentes mais fracas, acorrentando-as a séculos de ilusão e sofrimento. (...)

(...) Seja Allan Kardec, não apenas crido ou sentido, apregoado ou manifestado, a nossa bandeira, mas suficientemente vivido, sofrido, chorado e realizado em nossas próprias vidas. Sem essa base é difícil forjar o caráter espírita-cristão que o mundo conturbado espera de nós pela unificação.” (“Unificação”, mensagem de Bezerra de Menezes recebida por Chico Xavier em 20-04-1963 publicada em Reformador, Dezembro de 1975.

Fidelidade à doutrina é essencial

“A programação que estabeleceste para este quinquênio é bem significativa, porque verteu do Alto, onde se encontrava elaborada, e vós a vestistes com as considerações hábeis e aplicáveis a esta atualidade. Este é o grande momento, filhos da alma. Não tergiverseis, deixando-vos seduzir pelo canto das sereias da ilusão. Fidelidade à doutrina é o que se nos impõe, celebrando os cento e cinquenta anos da obra básica da Codificação Espírita.

Não permitais que adições esdrúxulas sejam colocadas em forma de apêndices que desviem os menos esclarecidos dos objetivos essenciais da doutrina. (...) Sede fiéis, permanecendo profundamente vinculados ao espírito do Espiritismo como o recebestes dos imortais através do preclaro Codificador.”

(“O Meio-Dia da Nova Era”, mensagem de Bezerra de Menezes recebida por D. P. Franco em 12-04-2007 publicada em Reformador, Junho de 2007).

“Esses tempos atuais chamam-nos à fidelidade aos projetos do Espírito de Verdade, para que estejamos atentos a fim de que não abandonemos o trabalho genuinamente espírita, passando a ocupar valioso tempo com palavrórios e disputas, situações e questões que, declaradamente, nada tenham a ver com a nossa Causa, por não serem da alçada do Espiritismo.”

(“Definição e trabalho em tempos difíceis.”, mensagem de Camilo recebida por Raul Teixeira em 11-11-2005 publicada em Reformador, Janeiro de 2006. Grifos em negrito meus.)

Referências:

[1] A. Kardec, *A Gênese*, Editora FEB, 36ª Edição, Rio de Janeiro (1995).

[2] T. Oliveira, “Pureza Doutrinária”, *FidelidadESPÍRITA* 112, 15 (2012).

[3] A. F. da Fonseca, “O Que Seria Pureza Doutrinária Segundo o Espiritismo?”, *Boletim do GEAE* n. 529, 15 de Setembro, (2007); e *O Consolador* 162, 13 de Junho (2010) Reproduzido em: <http://www.oconsolador.com.br/ano4/162/especial.html>

[4] Acessar, por exemplo, os links: <http://www.sciencemag.org/site/special/btoy2012/>, <http://www.sciencemag.org/content/338/6114/1524.full>

[5] M. Della Negra, P. Jenni e T. S. Virdee, “Journey in the Search for the Higgs Boson: The ATLAS and CMS Experiments at the Large Hadron Collider”, *Science* 338, 1560 (2012). Acessível através do link: <http://www.sciencemag.org/content/338/6114/1560.full>

[6] A. Kardec, *O Que É o Espiritismo*, Editora FEB, Rio de Janeiro (2006).

[7] A. F. da Fonseca, “Análise Científica da Apometria”, *O Consolador* 289, Dezembro, (2012). Acesso pelo link: <http://www.oconsolador.com.br/ano6/289/especial.html>

[8] A. Kardec, *O Livro dos Médiuns*, Ed. FEB, 1ª Edição, Rio de Janeiro (2008).

[9] A. Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Editora FEB, 112ª Edição, Rio de Janeiro (1996).

[10] *Espíritos diversos, psicografia de Emanuel Cristiano*, *O zelo da tua casa*, Editora Allan Kardec, Campinas (2009).

Alexandre Fontes da Fonseca

Fonte: <http://www.oconsolador.com.br/ano7/319/especial.html>

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

A verdadeira finalidade do espiritismo (...) é a reforma moral da humanidade, pregando pelo exemplo.”

Allan Kardec
Viagem Espírita de 1862



Apronfundando o Conhecimento das Leis Divinas

O objetivo desta coluna é ressaltar a importância do estudo e conhecimento das leis naturais ou divinas. O tema

é tão vasto e valioso que sempre se poderá falar dessas leis, inesgotáveis em sua fonte de ensinamentos.

Suas sublimes lições à vida do transeunte na jornada terrena são repletas de preciosas instruções, merecedoras de reflexão e esforço para vivência cotidiana.

COMO O ESPÍRITA DEVE VER A SOCIEDADE

A Vida social está em a natureza? – Certamente. Deus fez o homem para viver em sociedade. Não lhe deu inutilmente a palavra e todas as outras faculdades necessárias à vida de relação. ⁽¹⁾

O espírita não deve ver a sociedade conforme suas opiniões, mas de acordo com os princípios da Filosofia Espiritualista Espírita, contida em O livro dos espíritos, codificado por Allan Kardec, em sua **3ª Parte Das Leis Morais – Da Lei de sociedade**.

O ser humano não é um ser perfeito e completo, portando ele precisa da união social a fim de que um possa ajudar o outro, conforme informação dos Mentores Espirituais, acima citado. “Não se justifica o isolamento social, seja por alegado fim religioso (asceta, ermitão, etc.) seja para usufruir os bens materiais sem que tenha de se relacionar com outras pessoas; residir em uma ilha isolada, por exemplo.”⁽²⁾

Assim, torna-se evidente que toda pessoa tem um compromisso com a sociedade em que vive. Deve compreender sua função nessa sociedade, dela participando e dando sua contribuição de acordo com suas possibilidades intelectuais, sentimentais e morais. “O espírita, pelo conhecimento que tem da Doutrina Espírita, especialmente Das Leis Morais, 3ª Parte do mencionado O livro dos espíritos tem o dever de participar ativa e conscientemente na sociedade em que vive, agindo para que os valores ético espíritas se realizem na sociedade humana.” ⁽³⁾

Conforme já citado, os Mentores Espirituais da codificação do Espiritismo alertam firmemente que os seres humanos precisam uns dos outros, daí a necessidade de viver em sociedade. “O homem tem necessidade de progredir, de desenvolver suas potencialidades e isso ele só pode fazer em sociedade e é necessário que a sociedade esteja estruturada a fim de que todos que a compõem tenham tal possibilidade. O progresso do homem, tanto em seu aspecto da vida material quanto da vida espiritual, é uma imposição do Criador à vida.

Ele necessita relacionar-se com seu semelhante para criar os bens indispensáveis ao seu aprimoramento. Esse relacionamento social, no entanto, deve ser inspirado pelo amor entre os seres, pela fraternidade que implica no exercício da justiça.”⁽⁴⁾. Para essa convivência o espírita deve, portanto, buscar os valores morais contidos no Evangelho de Jesus, clarificados pela Filosofia Espiritualista Espírita contida na sua obra básica O livro dos espíritos, organizada por Allan Kardec.

Para uma vivência coerente, o espírita precisa compreender e agir, na sociedade, conforme esses valores morais e não de acordo com doutrinas, filosofias e mesmo suas opiniões e palpites pessoais, que confrontam tais valores.

REFLEXÕES:

- 1-A sociedade é má e não deveríamos viver nela?
- 2- Viver isoladamente não seria melhor para a evolução do espírito?
- 3- Por que devemos viver em sociedade?
- 4- Como viver em sociedade ajuda o espírito a se aperfeiçoar?
- 5- Quais valores temos para avaliar nossa conduta para com o próximo e para com a sociedade?

Aylton Paiva

Fonte: *agendaespiritabril*

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Obras Fundamentais em Foco

O estudo das obras fundamentais possibilita ampliar a visão e o entendimento, a reflexão e a prática, sobretudo o que nos sensibiliza as percepções, dilatando gradativamente a nossa capacidade de compreensão, a zona lúcida,

conforme expressão do estudioso francês Paul Gibier.

Nesta coluna, o IDEM publica trechos de O Livro do Médiuns, O Céu e o Inferno, A Gênese, Obras Póstumas, além de O Que é o Espiritismo dando continuidade do estudo das Obras Fundamentais apresentadas nas colunas "O Que Disse Kardec" e "Desvendando o Evangelho Segundo o Espiritismo".

IMPOSSIBILIDADE MATERIAL DAS PENAS ETERNAS

18. – Até aqui, o dogma da eternidade das penas foi combatido unicamente pelo raciocínio; vamos mostrá-lo em contradição com os fatos positivos que temos sob os olhos, e provar sua impossibilidade.

Segundo este dogma, o destino da alma é fixado irremediavelmente depois da morte. Portanto, é um ponto de parada definitivo oposto ao progresso.

Ora, a alma progride, sim ou não? Toda a questão reside nisso. Se ela progride, a eternidade das penas é impossível.

Será que se pode duvidar desse progresso, quando se vê a imensa variedade de aptidões morais e intelectuais que existem na terra, desde o selvagem até o homem civilizado? Quando se vê a diferença que um mesmo povo apresenta de um século para outro? Se se admitir que não são mais as mesmas almas, é preciso admitir então que Deus cria almas em todos os graus de avanço, segundo os tempos e os lugares; que ele favorece umas, ao passo que destina as outras a uma inferioridade perpétua: o que é incompatível com a justiça, que deve ser a mesma para todas as criaturas.

19. – É incontestável que a alma, atrasada intelectual e moralmente, como a dos povos bárbaros, não pode ter os mesmos elementos de bem-aventurança, as mesmas aptidões para gozar dos esplendores do infinito, do que aquela cujas faculdades são todas amplamente desenvolvidas. Portanto, se as almas não progredem, não podem, nas condições mais favoráveis, gozar perpetuamente senão de uma bem-aventurança por assim dizer negativa. Logo, chega-se forçosamente, para estar de acordo com a rigorosa justiça, a esta consequência de que as almas mais avançadas são as mesmas que as que estavam atrasadas e que progrediram.

Mas aqui tocamos na grande questão da pluralidade das existências, como único meio racional de resolver a dificuldade. Porém, faremos abstração dela, e consideraremos a alma numa única existência.

20. – Eis então, como se veem tantos outros, um jovem de vinte anos, ignorante, de instintos viciosos, negando Deus e sua alma, entregando-se à dissipação moral e cometendo toda sorte de más ações. No entanto, ele está num meio favorável; trabalha, instrui-se, pouco a pouco corrige-se e finalmente torna-se piedoso. Não é um exemplo palpável do progresso da alma durante a vida, e não se veem todos os dias casos semelhantes? Este homem morre santamente numa idade avançada, e naturalmente sua salvação está assegurada. Mas qual teria sido seu destino, se um acidente o tivesse feito morrer quarenta ou cinquenta anos mais cedo? Preenchia todas as condições para ser condenado; ora, uma vez condenado, todo progresso parava. Eis então um homem salvo porque viveu muito tempo, e que, segundo a doutrina das penas eternas, estaria perdido para sempre se tivesse vivido menos, o que podia resultar de um acidente fortuito. Uma vez que sua alma pôde progredir num tempo dado, por que não teria ela progredido no mesmo tempo após a morte, se uma causa independente de sua vontade tivesse impedido de fazê-lo durante a vida? Por que Deus lhe teria recusado os meios para tanto? O arrependimento, ainda que tardio, não teria deixado de vir a seu tempo; mas se, desde o instante da morte, uma condenação irremissível o tivesse atingido, seu arrependimento teria sido infrutífero por toda a eternidade, e sua aptidão para progredir destruída para sempre.

21. – O dogma da eternidade absoluta das penas é, portanto, inconciliável com o progresso da alma, visto que lhe oporia um obstáculo invencível. Esses dois princípios se anulam forçosamente um ao outro; se um existe, o outro não pode existir. Qual dos dois existe? A lei do progresso é patente: não é uma teoria, é um fato constatado pela experiência; é uma lei natural, lei divina, imprescritível; logo, visto que ela existe, e que não se pode conciliar com a outra, é que a outra não existe. Se o dogma da eternidade das penas fosse uma verdade, Santo Agostinho, São Paulo e muitos outros jamais teriam visto o céu se tivessem morrido antes do progresso que os levou à conversão.

A esta última asserção, responde-se que a conversão desses santos personagens não é um resultado do progresso da alma, mas da graça que lhes foi concedida e pela qual foram tocados.

Mas aqui trata-se de um jogo de palavras. Se fizeram o mal, e mais tarde o bem, é porque se tornaram melhores; logo, progrediram. Deus lhes teria então, por um favor especial, concedido a graça de se corrigirem? Por que a eles e não a outros? É sempre a doutrina dos privilégios, incompatível com a justiça de Deus e seu igual amor por todas as suas criaturas.

Segundo a doutrina espírita, de acordo com as próprias palavras do Evangelho, com a lógica e a mais rigorosa justiça, o homem é filho de suas obras, durante esta vida e após a morte; ele não deve nada ao favor: Deus recompensa-o pelos seus esforços, e pune-o pela negligência enquanto for negligente.

Fonte: Livro O Céu e o Inferno ou a justiça divina segundo o Espiritismo - Primeira Parte - Doutrina » Capítulo VI -

Doutrina das penas eternas - Allan Kardec



José Herculano Pires

O Apóstolo de Kardec

Nessa coluna publicaremos artigos de José Herculano Pires, grande filósofo do Espiritismo, e tido por Emmanuel, através da mediunidade de Chico Xavier, como “o metro que melhor mediu Kardec”.

A maior característica do conjunto de suas obras é a luta por demonstrar a consistência do pensamento Espírita e por defender a valorização dos aspectos crítico e investigativo da proposta sistematizada por Allan Kardec.

A PRECE "PAI NOSSO"

Entre as preces formais, a do Pai Nosso se destaca por uma condição especial. Integrado na tradição cristã há dois milênios, essa prece está fixada na mente das gerações e goza o prestígio de ter sido ensinada pelo Cristo.

Seu prestígio e sua capacidade de despertar emoções religiosas nos espíritos comprovase diariamente no mundo. É por isso que ela é empregada sistematicamente na abertura das sessões espíritas. É um tabu, dizem os cépticos, e muitos espíritas, com pretensões racionais agudas pretendem eliminá-la dos Centros. É um erro grave, pois em toda parte se constatou e se constata, no meio espírita, a sua eficácia. Não é difícil entendermos isso. O Pai Nosso não contém nenhum elemento mágico, mas desde a infância as criaturas nascidas no meio cristão aprenderam a dizê-la e a respeitá-la.

Ela foi introjetada na consciência das gerações através dos séculos e dos milênios. Constitui-se numa forma oral e mental carregada de energias espirituais. Tornou-se, no plano religioso, o que é o soneto na poesia ocidental, uma forma oral e mental carregada de poder emocional. Os espíritos perturbadores, que têm consciência de sua posição negativa e criminosa — pois todos a têm — são tocados no íntimo, em sua sensibilidade profunda e em sua afetividade quando ouvem essa prece, principalmente se pronunciada por pessoas que sentem a sua mensagem e conhecem as razões da sua eficácia. Ela soa como um apelido da infância, de juventude emotiva, da vida passada que desencadeia antigas saudades nos homens e nos espíritos. A figura de Jesus, a força ôntica da palavra Pai, que vibra como um apelo a Deus e uma evocação do seu poder supremo e ao mesmo tempo misericordioso, vibra como a primeira nota vigorosa e amorosa de uma imprecisão ao Céu, as regiões superiores que desejam atingir, por mais infeliz que seja a sua situação atual. Despertam-se na consciência e na emotividade do espírito as ternas lembranças dos entes queridos, do amor que experimentou na vida familiar terrena, dos momentos de felicidade e alegria que gozou entre criaturas queridas.

São esses os toques profundos que o Pai Nosso produz nos corações fluídicos ou encarnados, como uma canção de outros tempos, antiga que, na ternura de suas notas e de sua harmonia, nos faz voltar às oportunidades pedidas.

Criaturas pretensamente racionais analisam e criticam o Pai Nosso, apontando possíveis erros e absurdos no seu texto mais usado e longo, que é o do Evangelho de João. Entidades maldosas costumam soprar a essas criaturas idéias negativas, tentando desviá-las da prática dessa prece. Bastaria esse fato para nos confirmar o valor do Pai Nosso. Os Evangelhos registram formas diferentes da prece de Jesus. A que permaneceu na tradição foi a mais completa, vítima das críticas referidas. Tentemos analisá-la rapidamente em todos os seus termos, desfazendo essas críticas levianas:

PAI — Com essa palavra inicial Jesus deu um golpe vibrante na antiga concepção politeísta de Deus e na idéia bíblica, bem judaica, da posição exclusivista de Deus e na sua condição mitológica de guerreiro, o velho Deus dos Exércitos.

NOSSO — Nesta profunda palavra temos a universalização de Deus como Pai de toda a Humanidade. Ela destrói a velha e absurda idéia dos deuses de cada povo, em luta uns com os outros nas guerras dos povos.

QUE ESTAIS NO CÉU — Afirmação da presença de Deus no infinito, acima de todos os divisionismos humanos, pois o Céu não é um lugar determinado, mas a totalidade cósmica. Deus no Céu cobre na sua misericórdia toda a Terra e todos os mundos, todas as constelações do Infinito.

SANTIFICADO SEJA O VOSSO NOME — Que seja reconhecido o nome de Deus como santo por todos os seres, anjos, espíritos e homens, que santificarão o nome de Deus em si mesmos, na sua consciência.

ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU — Especificação clara do reconhecimento universal do nome de Deus.

VENHA A NÓS O VOSSO REINO — Que o Reino de Deus, ideal superior de Justiça e de Paz perfeita, venha para nós todos.

SEJA FEITA A VOSSA VONTADE, ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU — Que os homens, os espíritos e os anjos cumpram no Céu e na Terra, por toda parte, a vontade suprema de Deus, revelando-se aqui o princípio da comunhão constante e perfeita entre o mundo espiritual e o mundo terreno.

O PÃO NOSSO DE CADA DIA DAI-NOS HOJE — O pão simboliza o alimento geral de todos os seres — o espiritual e o material — que os povos daquele tempo repartiam nas mesas simbólicas das cerimônias religiosas. Jesus mesmo repartiu o pão com os discípulos na Ceia da Páscoa, e foi no partir do pão que os discípulos o reconheceram, depois da ressurreição, na estrada de Emaús. Esse alimento essencial é pedido a Deus, que é o Pai, para que não nos falte.

PERDOAI AS NOSSAS OFENSAS COMO AS PERDOAMOS AOS NOSSOS INIMIGOS — Os inimigos são os que nos perseguem e caluniam. Alimentados pelo pão espiritual podemos perdoá-los, e só assim nos fazemos dignos do perdão de Deus, que diariamente ofendemos em nossa ignorância. É o princípio da fraternidade em Deus e por Deus.

NÃO NOS DEIXEIS CAIR EM TENTAÇÃO — Somos frágeis em nossa ignorância e alimentamos desejos e ambições. A tentação está em nós mesmo, mas Deus pode alimentarnos diariamente o espírito com os verdadeiros anseios da nossa destinação, para não cairmos no torvelinho dos nossos instintos inferiores.

MAS LIVRAI-NOS DO MAL PARA SEMPRE — Súplica a Deus para nos despertar a consciência nas horas difíceis de cada dia.

O Pai Nosso é uma prece sintética, modelo dado por Jesus aos seus discípulos, para que nela encontrem, diariamente, a síntese final dos seus ensinamentos. A dinâmica dessa síntese desperta a memória dos homens e das entidades espirituais para fé em Deus, a esperança em nossa evolução espiritual e a confiança no poder absoluto e na misericórdia d'Aquele que nos arranca do limo da Terra para as ascensões da evolução universal.

Fonte: José Herculano Pires, *O Centro Espírita*

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Para Reflexão

OPINIÃO DO ESPÍRITA NO MOVIMENTO ESPÍRITA

"O que é que todo mundo tem e ao mesmo tempo todo mundo gosta de dar?"

Resposta: Opinião!"

Como fazer para discernir conhecimento de opinião? Platão definiu conhecimento como "toda crença verdadeira e justificada." ⁽¹⁾ Tudo que acreditamos ser verdade e que possui justificativas baseadas em métodos criteriosos de validação pode ser chamado de conhecimento. Embora essa definição contenha brechas para sofismas, ela permite entender a diferença entre uma mera opinião e um conhecimento. Por exemplo, ninguém diz que acha que a Terra gira em torno do Sol. Isso já é um conhecimento certo. Já opinião é uma crença pessoal que não foi validada por explicações ou justificativas conhecidas e respeitadas.

Isso nos faz lembrar que o espiritismo trouxe uma das maiores contribuições para a sociedade: tornou as crenças a respeito da existência e sobrevivência da alma, bem como dos processos de comunicação entre 'mortos' e 'vivos', em conhecimento plenamente justificado através do emprego de métodos de análise dos fenômenos espíritas. ⁽²⁾

No meio espírita é comum ouvir dizer que "se fulano disse ou se saiu em tal livro ou revista, trata-se de uma verdade". Isso é chamado de "argumento de autoridade", ou seja, quando uma pessoa é reconhecida pela sociedade pela importância de suas obras, torna-se respeitada e suas palavras passam a formar opinião. Seus comentários são tidos como válidos e certos independentemente de se avaliar sua veracidade. E no movimento espírita, temos vários formadores de opinião. Pessoas que pela dedicação ao bem, à caridade e à divulgação do espiritismo, conquistaram o respeito público.

Mas, como reconhecer uma opinião no movimento espírita? Utilizemos a definição de conhecimento, dada por Platão acima mencionada. Quando uma novidade é divulgada nos meios espíritas, procuremos suas explicações. Se a novidade não possui explicações, será uma mera opinião. Se as possui, analisemo-las. Quais as bases apresentadas para justificá-las? Conheço o conteúdo e o seu valor? Sou capaz de compreender as justificativas apresentadas? Se a resposta for "não" a alguma das questões acima, se não temos conhecimento aprofundado das bases usadas para defender a novidade, de duas uma: ou as estudamos para avaliar melhor ou, simplesmente, consideramos a novidade uma opinião.

Um exemplo típico de novidades em nosso meio que representam apenas a opinião de seus interlocutores são aquelas que frequentemente usam conceitos e fórmulas da física quântica para explicar as novidades.

Há quem justifique as novidades argumentando que o espiritismo é uma doutrina aberta ao conhecimento e ao progresso. Kardec, no item 55 do capítulo I de A Gênese ⁽³⁾ afirmou que "Caminhando de par com o progresso, o espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará." Portanto, realmente, o espiritismo é aberto ao progresso. Porém, ele não é aberto a qualquer coisa e de qualquer modo. É o próprio Kardec quem faz ressalva nesse mesmo item, quando diz que o espiritismo "assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam desde que hajam assumido o estado de verdades práticas e abandonado o domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria."

Para uma novidade assumir "o estado de verdades práticas" e abandonar "o domínio da utopia", é preciso que deixe de ser uma crença (isto é, mera opinião) para ser tornar um conhecimento, através de trabalhos de estudo e pesquisa que a justifiquem plenamente. Então, não basta alegar que o espiritismo é aberto ao progresso: tem que demonstrar que a novidade é, de fato, um progresso!

E nesse aspecto, como ninguém é perfeito, é natural que, de vez em quando, os formadores de opinião no movimento espírita se equivoquem. Como proceder quando isso ocorre? Como fica, nesses casos, a "fé raciocinada" ensinada e estimulada pelo espiritismo?

Devemos aceitar uma informação somente por ter sido trazida por um formador de opinião (médium ou não) respeitado (ou o mais respeitado) no movimento espírita? Como o espiritismo ensina a proceder diante de informações que distoam do conhecimento científico e/ou doutrinário? Felizmente, o espiritismo oferece orientações bem seguras. Uma delas é a conhecida afirmação de **Erasto (item 230 do capítulo 20 de O livro dos médiuns ⁴)**: **"Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea."** Outra, menos conhecida, é a orientação de **Santo Agostinho**: **"Observai e estudai com cuidado as comunicações que recebeis; aceitai o que a vossa razão não rejeita; repeli o que a choca; pedi esclarecimentos sobre as que vos deixam na dúvida. Tendes aí a marcha a seguir para transmitir às gerações futuras, (...), as verdades que distinguireis sem dificuldade de seu cortejo inevitável de erros."** ⁽⁵⁾ Erasto e Santo Agostinho deixam claro que aquilo que a razão não aprova, devemos rejeitar. Podemos, também, pedir esclarecimentos, mas enquanto isso não ocorre, a novidade não merece crédito.

Agora, mudemos o foco das questões para nós. Que valor damos ao que é revelado por médiuns ou pessoas reconhecidas no movimento espírita? Qual deve ser a nossa postura perante essas novidades? Há algum exemplo do próprio Kardec?

Isso é importante pelo caráter de dependência que se cria para com a opinião de certas pessoas em detrimento do exercício da fé raciocinada.

Quando os nossos companheiros mais respeitados desencarnarem, como formaremos nossas opiniões a respeito das novidades? Quais serão nossos critérios de aceitação do que dizem encarnados ou desencarnados? E, mesmo que surjam companheiros cuja moral e esforços no bem e na divulgação do espiritismo mereçam o nosso mais profundo respeito e estima, vamos continuar a transferir para eles a responsabilidade de discernir no que devemos ou não crer? Não criticamos essa postura em outros meios religiosos?

Vejamos um exemplo significativo do próprio Kardec sobre uma opinião que ele acreditava estar correta (mas que hoje se sabe que não estava), e que, por prudência, ele evitou inseri-la no corpo da doutrina espírita por ser apenas uma opinião própria: ⁽⁶⁾ "A questão da geração espontânea está neste número. Para nós, pessoalmente, é uma convicção, e se a tivéssemos tratado numa obra comum, tê-la-íamos resolvido pela afirmativa; mas numa obra constitutiva da doutrina espírita, as opiniões individuais não podem fazer lei; não se baseando a doutrina em probabilidades, não podíamos decidir uma questão de tal gravidade, apenas despontada, e que ainda está em litígio entre os especialistas. Afirmando a coisa sem restrição, teria sido comprometer a doutrina prematuramente, o que jamais fazemos, mesmo para fazer prevalecerem as nossas simpatias." Como se vê, não se deve tomar opiniões individuais como verdades e serem propagadas em nome do espiritismo.

Há quem justifique que o formador de opinião é criatura tão bondosa, culta e dedicada ao bem e à divulgação do espiritismo que jamais divulgaria uma ideia equivocada. Mas, para isso, temos em Kardec outro exemplo significativo. Ele levava a compreensão das ideias tão a sério que foi capaz de questionar até mesmo algumas palavras de Jesus! Veja, por exemplo, o conteúdo do capítulo 33 de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* ⁽⁷⁾, intitulado "Estranha moral". Não foi porque Jesus disse que devemos "odiar" pai, mãe, esposa e filhos (S. Lucas, cap. 14, vv. 25 a 27) que de fato era para isso ser feito! Teria encarnado entre nós alguém mais bondoso, culto e dedicado ao bem que Jesus? Se isso fosse razão suficiente para aceitar certas palavras de Jesus, não teríamos o capítulo "Estranha moral" em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Como ninguém está acima do Cristo, ninguém pode clamar perfeição para suas opiniões.

Portanto, analisemos as novidades, sejam elas de quem for, e rejeitemos tudo o que não estiver de acordo com os conhecimentos da ciência e do espiritismo, ou que não puder ser verificado por ambos. Isso não significa desrespeitar a pessoa que apresenta a novidade, nem reprimir a chegada delas. Os cuidados mencionados aqui visam apenas destacar a postura prudente, ensinada pela doutrina espírita, de não aceitar uma ideia só porque pessoas em quem confiamos as veiculam. Isso seria agir com fé cega, além da propagação, em nome do espiritismo, de conteúdos que não sabemos estar certo ser falta de responsabilidade. A Doutrina tem nos ajudado a sair da "fase" onde aceitamos e fazemos o que nossos mestres dizem, para aceitarmos e fazermos o que a nossa consciência, iluminada pela razão, consente.

Meditemos que, talvez, quando irmãos respeitados no movimento espírita propagam ideias controversas, a espiritualidade esteja justamente nos convidando a exercer a fé raciocinada para despertar em nós, cada vez mais, o sentimento da responsabilidade espírita.

Alexandre Fontes da Fonseca

Referências

- [1] Conhecimento – Wikipedia: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Conhecimento>, acessado em 21 de março de 2015.
- [2] A. F. da Fonseca, "Como o espiritismo contribui para a sociedade?", *Jornal de Estudos Espíritas*, artigo número 010203, 2013.
- [3] A. Kardec, *A gênese*, FEB, 36 ed., 1995.
- [4] A. Kardec, *O livro dos médiuns*, FEB, 62 ed., 1996.
- [5] A. Kardec, "Dissertações espíritas", *Revista Espírita Jornal de Estudos Psicológicos*, julho p. 20, 1863.
- [6] A. Kardec, "A geração espontânea e a A gênese", *Revista Espírita Jornal de Estudos Psicológicos*, julho, p. 285, 1868.
- [7] A. Kardec, *O evangelho segundo o espiritismo*, FEB, 112 ed., 1996.

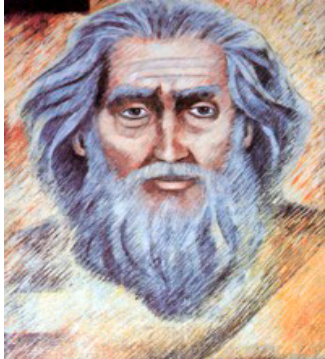
Fonte: espiritualidades.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

"O Espiritismo não é uma seita política, como não é uma seita moral"

Allan Kardec

Viagem Espírita de 1862



Fala, Irmão José

Irmão José, um dos mentores espirituais do GEEDEM, ensina-nos reflexões a respeito do cotidiano à luz do Evangelho, para que, com Jesus, saibamos enfrentar e vencer todos os problemas e desafios com os quais nos defrontamos.

VIBRAÇÕES NEGATIVAS

Pensamentos infelizes geram vibrações negativas.

Vibrações negativas atraem outras, criando uma aura de perturbação.

Não assimiles as vibrações de descrença que contêm as palavras de revolta. O pessimismo, lentamente, exaure as forças de quem se deixa envolver por ele.

Vibra positivamente, criando ao teu redor um escudo de proteção.

Não te faças vulnerável às ondas de desânimo e de tristeza.

Nada dá certo apenas para quem não se preocupa em acertar.

Os reveses são naturais.

Não há ninguém que só encontre facilidades.

Não ofereças sintonia aos que atravessam o dia queixando-se de tudo e de todos.

Fonte: Vigiai e Orai (Irmão José - Chico Xavier/Carlos Baccelli)

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

A coragem das opiniões próprias sempre foi tida em grande estima entre os homens, porque há mérito em afrontar os perigos, as perseguições, as contradições e até os simples sarcasmos, aos quais se expõe, quase sempre, aquele que não teme proclamar abertamente ideias que não são as de toda gente. Aqui, como em tudo, o merecimento é proporcionado às circunstâncias e à importância do resultado. Há sempre fraqueza em recuar alguém diante das consequências que lhe acarreta a sua opinião e em renegá-la;

Allan Kardec

O Evangelho Segundo o Espiritismo – Cap 24 – Item 15



Espaço Chico Xavier

Chico Xavier, por meio de sua mediunidade excepcional, decodificou os ensinamentos espíritas transmitindo as idéias e interpretações dos Espíritos orientadores. Ele foi um exemplo de edificação moral, pelo conhecimento e vivência do Evangelho.

Mostrou a todos nós como será a humanidade do futuro: portadora de conhecimento intelectual e moral.

LIÇÃO DAS TREVAS

No vale das trevas, delirava a legião de Espíritos infelizes.

Rixas, obscenidades, doestos, baldões.

Planejavam-se assaltos, maquinavam-se crimes.

O Espírito Benfeitor penetrou a caverna, apaziguando e abençoando.

Aqui, abraçava um desventurado, apartando-o da malta, de modo a entregá-lo, mais tarde, a equipes socorristas; mais adiante, aliviava com suave magnetismo a cabeça atormentada de entidades em desvario.

O serviço assistencial seguia difícil, quando enfurecido mandante da crueldade, ao descobri-lo, se aquietou em súbita acalmia e, impondo respeitosa serenidade a chusma de loucos, declinou-lhe a nobre condição. Que os companheiros rebelados se acomodassem, deixando livre passagem àquele que reconhecia por missionário do bem.

- Conheces-me? - interrogou o recém-chegado, entra espantado e agradecido.

- Sim - disse o rude empreiteiro da sombra -, eu era um doente na Terra e curaste meu corpo que a moléstia desfigurava. Lembro-me perfeitamente de teu cuidado ao lavar-me as feridas.

Os circunstantes entraram na conversação de improviso e um deles, de dura carranca, apontou o visitador e clamou para o amigo:

-Que mais te fez este homem no mundo para que sejamos forçados à deferência?

Deu-me teto e agasalho.

Outro inquiriu:

Supriu minha casa de pão e roupa, libertando-nos, a mim e a família, da nudez e da fome.

Outro ainda perguntou com ironia:

-Mais nada?

Muitas vezes, dividia comigo o que trazia na bolsa, entregando-me abençoado dinheiro para que a penúria não me arrasasse.

Estabelecido o silêncio, o Espírito Benfeitor, encorajado pelo que ouvia, indagou com humildade:

-Meu irmão, nada fiz senão cumprir o dever que a fraternidade me impunha; entretanto, se te mostras tão generoso para comigo, em tuas manifestações de reconhecimento e de amor que reconheço não merecer, porque te entregas, assim, à obsessão e à delinquência?! .

O interpelado pareceu sensibilizar-se, meneou tristemente a cabeça e explicou:

-Em verdade, és bom e amparaste a minha vida, mas não me ensinaste a viver!

Espíritas, irmãos!

Cultivemos a divulgação da Doutrina Renovadora que nos esclarece e reúne!

Com o pão do corpo, estendamos a luz da alma que nos habilite a aprender e compreender, raciocinar e servir.

Fonte: Cartas e Crônicas - Cap 1 (Irmão X - Chico Xavier)

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Sugestão de Leitura

SOCIEDADE DA ESPERANÇA Diálogos espíritos com o mundo atual

A sociedade do cansaço, da viciação nas telas, da exploração do trabalho, do atropelo do cotidiano, exige respostas novas, criativas, para a cura das pessoas adoecidas. Como pano de fundo e causa central das profundas crises que atravessamos, está o capitalismo, com suas injustiças sociais e seu modo predatório da natureza. O espiritismo tem algo a dizer neste cenário? É preciso, para essa fala, trazer o pensamento de Kardec, entendido como proposta filosófica crítica e libertadora para podermos pensar e fazer uma sociedade da esperança.





A MULHER NA HISTÓRIA E NO ESPIRITISMO

A mulher era vista como submissa e restrita ao lar, sem direitos, uma visão que persiste sutilmente e contribui para a violência contra a mulher, como evidenciado pelos feminicídios.

Uma estátua foi exposta em Nova York, em frente ao Tribunal de Justiça, onde aparece uma Medusa carregando a cabeça decapitada de Perseu – uma inversão do mito que data de séculos. Quem conhece a história mitológica sabe que Medusa foi amaldiçoada injustamente, tendo os cabelos transformados em serpentes, passando a transformar pessoas em estátuas. Foi banida, morta e decapitada por Perseu.

Esta estátua é um símbolo de justiça, representando um personagem e as inúmeras “Medusas” da vida real que sofrem o mesmo destino por falta de equidade no mundo, às vezes pelo simples fato de serem mulheres consideradas frágeis. Quando se trata de mulheres negras, essas injustiças são ainda mais intensificadas. Não se trata de vingança, mas de reflexão, pois o papel da arte é justamente provocar questionamentos.

O Dia Internacional da Mulher, celebrado em 8 de março, surgiu da luta histórica das mulheres contra perseguições e discriminações. Apesar das conquistas sociais, a busca por dignidade e igualdade de direitos com os homens continua sendo um desafio importante, visando a uma parceria, em vez de superioridade. Historicamente, a mulher era vista como submissa e restrita ao lar, sem direitos, uma visão que persiste sutilmente e contribui para a violência contra a mulher, como evidenciado pelos feminicídios.

A Grécia antiga influenciou a humanidade no campo da filosofia, das artes plásticas, da arquitetura, do teatro, enfim, de muitas ideias e conceitos que deram origem às atuais ciências humanas, exatas e biológicas. Havia, no pensamento de muitos, a ideia de que a mulher não tinha o direito de ser amada porque considerada desprovida de alma, servindo apenas para procriar. Este pensamento é refletido nas ideias do filósofo Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.), que via a mulher como algo pequeno e insignificante, como fica demonstrado nesta frase de sua autoria: “A fêmea é apenas um material, um ‘recipiente’, de modo que a verdadeira ‘alma’ ou ‘papel ativo’ é reservado ao macho”.

A história mostra que algumas mulheres se passaram por homens para conquistar seus sonhos, como o caso de Shabana Basij-Rasikh, ativista em prol dos direitos das mulheres e educadora afegã, cuja missão é empoderar mulheres através da educação, especialmente por meio da SOLA (School of Leadership, Afghanistan) em seu país natal. Shabana tinha 6 anos de idade quando o Talibã proibiu a educação feminina no Afeganistão, na década de 1990. Inconformada, durante cinco anos arriscou sua vida vestindo-se de menino para frequentar uma escola secreta, levando livros em sacolas de feira.

Tem sido árdua a batalha das mulheres para conquistar seu espaço na sociedade e derrubar tabus, garantindo respeito aos seus direitos e não apenas aos seus deveres. Hoje, perguntamos: quantos nomes de mulheres lembramos que foram importantes para a humanidade? Quantas cientistas, filósofas, pintoras, escritoras, jornalistas, antropólogas e sociólogas conhecidas deixaram seus nomes escritos para a posteridade?

No passado, mulheres escritoras e jornalistas, para terem seus trabalhos divulgados, usavam pseudônimos masculinos ou, se fossem cientistas, atribuíam a autoria de seus trabalhos a maridos ou irmãos, porque havia grande resistência em aceitar tudo o que vinha do chamado “sexo frágil”.

Quanto à hermenêutica evangélica, quando não se têm os devidos cuidados nas interpretações, cometem-se erros por não se buscar o espírito da letra, e isso vem contribuindo, ao longo dos tempos, para discriminar ainda mais a mulher. Isso ocorre, por exemplo, quando se diz que “a mulher foi criada a partir da costela de Adão”, sendo, portanto, ligada a ele em submissão. Quando foram expulsos do Paraíso por Deus, toda a responsabilidade foi atribuída a Eva por supostamente ter induzido Adão ao erro, e hoje as mulheres carregam nos ombros o peso da dor da humanidade pelo pecado original.

Há inúmeros dirigentes homens que, interpretando de forma equivocada o Velho Testamento, insistem que a finalidade da mulher é obedecer ao homem e servir como instrumento de reprodução. No Alcorão, livro sagrado do Islamismo, a mulher é vista da mesma forma, com o homem tendo o direito de usar a violência se ela não lhe obedecer. Ainda hoje, para os muçulmanos ortodoxos, a mulher não pode sair às ruas, pois corre o risco de ser presa, assim como não pode mostrar o rosto em alguns países do Oriente Médio.

Quando se tem contato com essa doutrina maravilhosa de cunho científico-filosófico, codificada pelo pedagogo Denisard Hypollite Leon Rivail [3], que depois passou a usar o pseudônimo Allan Kardec, percebe-se que ele, como pedagogo, com vários livros escritos em sua área acadêmica, deixou sua luz de mestre se apagar para deixar brilhar a luz da Doutrina Espírita.

Podemos dizer que Kardec sempre teve um espírito científico, mas também recebeu influência benéfica dos grandes pensadores da época. Afinal, ele nasceu cinco anos após o término da Revolução Francesa, um marco histórico, quando filósofos contribuíram para mudar o pensamento da população, convencendo-a da importância da liberdade, em um contexto de monarquia absolutista simbolizada pela Bastilha, a primeira a ser derrubada.

Esse grupo de pensadores, denominados iluministas, defendia não apenas a liberdade econômica, política e religiosa, mas também trouxe luz por meio das ideias da época, defendendo o uso da razão. Hoje, a bela Paris é conhecida como Cidade Luz em razão deste movimento.

Tanto a ciência quanto a liberdade de pensar e agir, ideias desses filósofos, acabaram influenciando de forma considerável o pedagogo e depois codificador do Espiritismo, Allan Kardec. Ele deixou suas considerações em Obras Póstumas, no capítulo “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, lema da Revolução Francesa. Ao ficar diante dos fenômenos e estudá-los de forma sistemática, Kardec denominou sua obra de Doutrina dos Espíritos, sendo, portanto, um conjunto de conceitos filosóficos, científicos e religiosos, e não uma religião que normalmente tem como base uma fé religiosa dogmática. Essa doutrina nos ensina que somos todos iguais e assim fomos criados, simples e ignorantes. No entanto, mesmo assim, e sabendo que estamos ora em corpos masculinos, ora em corpos femininos, estão incrustadas na alma masculina, às vezes de forma inconsciente, ideias machistas. Isso faz parte da nossa aprendizagem e do nosso progresso.

Jesus valorizava as mulheres, que o seguiam em uma época de marginalização. Sua escolha por um corpo masculino foi para garantir o cumprimento de sua missão, pois, em um corpo feminino, seus ensinamentos poderiam não ter alcançado os corações. Maria Madalena, uma de suas discípulas, foi a primeira a ver Jesus ressuscitado e anunciar a Boa Nova.

“[...] as mulheres mais desventuradas (pobre infeliz) ainda possuem no coração o gérmen divino (embrião) para a redenção da humanidade inteira.

“Seu sentimento de ternura e humildade será, em todos os tempos, o grande roteiro para a iluminação do mundo, porque, sem o tesouro do sentimento, todas as obras da razão humana podem parecer como um castelo de falsos esplendores.

“E será ainda à mulher que buscaremos confiar a missão mais sublime na construção evangélica dentro dos corações, no supremo esforço de iluminar o mundo.”

Isso prova que a mulher tem uma missão maior diante da humanidade, não apenas como ponte para gerar vida e dar oportunidade de receber Espíritos – a mulher traz no seu coração o sentimento materno e no seu ventre o destino da humanidade –, mas também a missão de preparar esses Espíritos, que estão chegando para se tornarem homens de bem, através da sua sensibilidade, do exemplo, do amor e da dedicação.

Embora ainda haja diferenciação no tratamento das mulheres, elas devem continuar lutando por seus direitos, sem esquecer os deveres. No movimento espírita, apesar da bagagem espiritual feminina, muitas não têm oportunidades, refletidas na predominância masculina em congressos e conferências. No maior país espírita do mundo, há muitas mulheres capacitadas, mas ainda pouco reconhecidas. Figuras notáveis, como Therezinha de Oliveira, Suely Caldas Schubert e Yvonne do Amaral Pereira se desenvolveram significativamente, assim como muitas outras. Nas casas espíritas, verifica-se que a maioria dos trabalhadores e frequentadores são mulheres, mostrando sua importância.

A distinção de gênero já não se justifica, pois todos têm um papel fundamental na humanidade.

Sandra Fiore

Fontes:

Arte que acontece. “Estátua polêmica de Medusa é colocada em frente à corte que julgou Weinstein”. Disponível em: <https://artequeacontece.com.br/estatua-polemica-e-colocada-em-frente-a-corte-que-julgou-weinstein/>.

Cevesp. “Mulheres na política”. Disponível em: <http://www.cepesp.io/por-que-ha-poucas-mulheres-na-politica-brasileira-5-perguntas-para-ivan-mardegan/>.

Kardec, A. “Revista Espírita”. 1858.

Noronha, H. 7 mulheres que tiveram que se passar por homens para conquistar seus sonhos. “Universa UOL”. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/09/22/mulheres-que-tiveram-que-se-passar-por-homens-para-conquistar-seus-sonhos.htm>

Paulus. “Bíblia Sagrada”. Edição Pastoral, São Paulo. Gênesis 3.

Xavier, F. C. “Boa Nova”. Pelo Espírito Humberto de Campos. Brasília: FEB, 2016. p. 145.

Fonte: Revista Candeia Espírita nº 47 - Agosto/2025

(...) o Espiritismo se dirige a todos os cultos; que, por consequência, não deve adotar as formalidades de nenhum em particular. (...) O Espiritismo é um terreno neutro, sobre o qual todas as opiniões religiosas podem encontrar-se e se dar as mãos.

Allan Kardec

Viagem Espírita de 1862



A compreensão dos princípios espíritas está intimamente ligada ao nível de amadurecimento intelectual e moral de cada Espírito encarnado. O educador Allan Kardec já apontava que o ensino espírita deveria ser adaptado à capacidade de assimilação dos ouvintes, sem jamais vulgarizar ou trair os fundamentos da Doutrina^[1]. Desse modo, a divulgação precisa verificar as diferenças de funcionamento cognitivo-neurológico, sem reduzir o conteúdo à simplificação grosseira, mas traduzindo-o de forma acessível, progressiva e fraterna.

No caso de crianças, por exemplo, a linguagem simbólica, os relatos morais e os exemplos práticos devem ser priorizados, tendo em vista sua fase de pensamento concreto. A assimilação dos princípios como reencarnação, justiça divina e lei de progresso deve ocorrer por meio de narrativas significativas, como pela contação de histórias com dramatização simples, reforçando o aprendizado com um estímulo lúdico.

Já com jovens, é necessário introduzir o raciocínio crítico e os dilemas morais, mostrando como os princípios espíritas dialogam com a vida cotidiana, os valores contemporâneos e os conflitos existenciais próprios da adolescência e juventude. Oficinas e debates temáticos favorecem essa proposta.

Com os adultos, a tarefa é mais desafiadora e diversificada, pois há aqueles com formação limitada ou distorcida, e outros já preparados para estudos mais aprofundados. Torna-se essencial, portanto, empregar metodologias dialógicas que considerem os referenciais prévios, incentivem o questionamento e promovam a autonomia de pensamento e comportamento confiante e corajoso, típico da fé racional inabalável^[2]. A formação de grupos de estudo segmentados por nível de familiaridade com os princípios espíritas, conduzidos por facilitadores com sólidos conceitos doutrinários que incentivem a reflexão racional apresentando as fontes e referências utilizadas nas obras de Allan Kardec direciona para a construção consciente do conhecimento espírita.

Importa reconhecer, também, que os desafios educacionais persistentes no Brasil contribuem para uma heterogeneidade significativa no público que frequenta as instituições espíritas. Desigualdades no acesso à escolarização, dificuldades de leitura e escrita, déficit na formação científica e filosófica e lacunas no estímulo ao pensamento crítico refletem-se diretamente na forma como os conteúdos doutrinários são recebidos e compreendidos.

Dessa maneira, centros espíritas convivem simultaneamente com frequentadores altamente escolarizados e outros com trajetória educacional fragilizada, exigindo dos dirigentes e colaboradores um olhar atento às múltiplas formas de aprender e processar ideias, sem elitismo, mas também sem empobrecimento da mensagem.

Tal realidade reforça a necessidade de abordagens graduais, acessíveis e respeitadas, capazes de acolher diferentes capacidades de assimilação e realidades socioeconômicas sem comprometer a integridade doutrinária.

Adicionalmente, a cultura local e as experiências pessoais influenciam decisivamente na recepção da mensagem. Por isso, a divulgação doutrinária deve evitar modelos rígidos e engessados, acolhendo as dúvidas e promovendo a empatia e a escuta ativa. O expositor, o educador infantojuvenil ou o trabalhador espírita de forma geral deve evitar tanto a tecnocracia discursiva com a repetição estéril de fórmulas ou dogmas, quanto o sincretismo eclético que dissolve a identidade doutrinária. A solução está em seguir o método progressivo e lógico de Kardec: partir do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do sensível para o abstrato.

É necessário compreender que o Espiritismo não se impõe, mas se propõe. Portanto, o êxito na divulgação doutrinária não reside em convencer a todos, mas em semear com clareza, firmeza lógica e atitude amorosa, compreendendo o momento de cada Espírito. Assim, divulgar a Doutrina Espírita de forma eficaz exige alinhar coerência doutrinária, sensibilidade pedagógica e atenção à pluralidade de perfis intelectuais e sociais dos interlocutores.

Diante desses cuidados, cabe aos dirigentes, expositores e educadores espíritas ponderarem sobre suas práticas e renovarem, sempre que necessário, as estratégias de ensino e divulgação doutrinária utilizados em suas instituições. É preciso perguntar, com sinceridade e lucidez: estamos realmente favorecendo a interiorização dos valores e a vivência do Espiritismo segundo as características de nossos públicos, ou apenas reproduzindo modelos automáticos que desconsideram os processos cognitivos e culturais dos nossos interlocutores?

Compatível com a proposta kardequiana de fé raciocinada, a divulgação espírita deve unir clareza doutrinária e discernimento formativo, promovendo não apenas o entendimento conceitual, mas também o engajamento ético e a responsabilidade do ser perante o próprio desenvolvimento moral.

[1] Ver *O livro dos médiuns*, 1ª parte, Capítulo 3 – O método.

[2] Ver *O evangelho segundo o espiritismo*, Capítulo 19, item 7.

Fonte: comkardec.net.br - Agosto/2025

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



ALLAN KARDEC, Por Cairbar de Souza Schutel

Qual outro Espírito teria a competência bastante, o tino investigador e elucidativo para levantar esse grande monumento que se acha representado nas obras de Allan Kardec?

O vulto mais eminente do Cristianismo, depois do seu excelso Fundador — Jesus — é, sem dúvida alguma, João Batista.

Profeta de alta linhagem, revolucionário do fogo e da água, nele se cumpriu a previsão de Malaquias quando se referiu a Elias, como predecessor do Filho de Deus que viria aparelhar o caminho, desbastar os abrolhos, afastar as urzes, para que as multidões se encaminhassem à Fonte de Água Viva que devia desalterar-lhe e saciar a sede de amor e de sabedoria que aniquilava as almas.

Humilde, simples, claro, conciso, austero, mas daquela austeridade cheia de virtudes ativas, o Profeta do Deserto, apareceu em tempos mui similares aos que atravessamos atualmente, para convidar o povo a regeneração dos costumes, a remodelação do espírito, como condição indispensável à recepção da Palavra daquele Enviado do Céu que vinha pôr um termo ao velho mundo e iniciar na Terra uma nova Era de progresso intelectual e moral.

Sem dogmas, sem ritos, sem cultos exteriores e aparatosos, o vulto respeitável de João, coberto de peles, saiu do deserto como o rei das selvas bramindo, agitando as pedras que se interpunham ao seu caminho, abatendo, com a sua palavra de fogo, as árvores seculares, que longe de frutificar esterilizavam as estâncias, enfim aterrando vales e arrasando outeiros, para que os caminhos tortos se fizessem direitos, e os escabrosos planos!

E dizia às multidões escravizadas aos cultos e submissas aos sacramentos que a ele vinham para serem batizadas: “Raça de víboras, quem vos recomendou que fugísseis da ira vindoura? Dai, pois, frutos de arrependimento e não comeceis a dizer dentro de vós — temos como pai a Abraão — porque vos declaro que destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão. O machado está posto sobre a raiz das árvores: toda a árvore, pois que não der bom fruto, é cortada e lançada ao fogo.”

E nas suas substanciosas exortações, que eram acolhidas com respeito e admiração pelos filhos do povo, transformava viciosos em virtuosos, publicanos em espíritos nobres e desinteressados, soldados de má casta e de reputação duvidosa, em homens de bem, satisfeitos com o seu soldo!

Aquele Espírito extraordinário que havia margeado outrora o Jordão e subido ao Carmello; aquele gênio intemerato que ao som da sua voz as águas se repartiam, e ao fervor das suas preces as chuvas detinham-se ou regavam a terra e o fogo descia do Céu, aquele Espírito poderoso e ativo ante os grandes e poderosos, e humilde e bom ante os pequeninos, não podia deixar vago o lugar que só a ele competia ocupar, para como um poderoso holofote, iluminar às gentes a era nova com que o Cristianismo em suas primeiras alvoradas marcava o início do reinado de Deus, com as suas bases inamovíveis que o Cristo proclamou.

“De fato ele é o Elias que devia vir”. Devia vir e veio, começou a sua tarefa, mas não terminou, porque sua tarefa “é restaurar todas as coisas”. Veio em Elias, demonstrou o seu poder, a sua força, a sua luz; veio em João Batista, passou como um meteoro pela terra, revolvendo a massa fermentada das convenções e dos preconceitos, dando uma alma nova a geração de então; veio finalmente com outra libré e em tempos mais favoráveis, reunindo, estudando, selecionando todos os fatos do passado e que se repetem no presente, e no caráter de maior dos Profetas como intitulou o Filho de Deus, codificou esta grande Doutrina, esta grande Filosofia que se ostenta luminosa, amparada no pedestal dos fatos inconcussos e irrefragáveis que constituem os melhores testemunhos da Imortalidade, da Vida Eterna, pivot maravilhoso sobre o qual se movem num evoluir perpétuo — a ciência, a filosofia, a religião.

E qual outro Espírito teria a competência bastante, o tino investigador e elucidativo para levantar esse grande monumento que se acha representado nas obras de Allan Kardec?

Conhecedor de todos os mistérios da profecia e do mediunismo, assim como de todas as manifestações metafísicas e metapsíquicas, que nos diz a história haver ele produzido, não podia deixar de lhe ser confiada a alta missão, cuja epopeia de amor a humanidade de amanhã glorificará.

Ele é deveras o Elias que devia vir, que veio e que virá para completar a sua missão, ou seja “restaurar todas as coisas”.

Nós, que tivemos a felicidade de lhe compreender os ditames e, auxiliados pelos Poderes Superiores que dirigem o movimento de Espiritualização dos povos nos aproximar desse Gênio extraordinário, não festejamos a sua vinda senão pelas luzes que fez e deixou iluminando o mundo, mas sim o seu breve e futuro aparecimento, e desde já o saudamos respeitosamente com as breves e singelas expressões da Escritura que não passa: Bendito aquele que vem nome do Senhor.

Matão, 2 de Outubro de 1926.

Fonte: Jornal “O Clarim”, de outubro de 1926.

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

COMO KARDEC NOS ENSINOU A ESTUDAR E A VIVER O ESPIRITISMO?



Quando se estudam as obras de Kardec, que estabeleceram os fundamentos do Espiritismo, percebe-se claramente a preocupação com as leis naturais, aquelas que regulam a vida dos Espíritos e as suas relações com os homens. Para redigir essas leis naturais (que como leis divinas são eternas, são verdadeiras, não precisam e não podem ser atualizadas) era necessário que se usasse uma linguagem ao mesmo tempo clara e profunda, porque essas leis são claras e profundas. E Deus escolheu Allan Kardec para isso.

Allan Kardec tinha grande habilidade como escritor, e, como os princípios fundamentais do Espiritismo foram trazidos por Espíritos superiores, era preciso expressar o pensamento desses Espíritos, tão mais elevado que o nosso. Era preciso compreendê-los, argumentar, questionar e expressar os ensinamentos; e Kardec diz, no item 13 do primeiro capítulo de A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo, capítulo chamado “O caráter da Revelação Espírita”, que a doutrina foi construída a quatro mãos: as mãos dos Espíritos, que trouxeram os pontos fundamentais e os princípios, e as mãos dos homens. Sem dúvida alguma, dentre estas destacaram-se as desse homem extraordinário, Allan Kardec, que foi quem melhor soube expressar os pensamentos dos Espíritos superiores, em especial aqueles do Espírito de Verdade, o próprio Cristo.

Allan Kardec usou uma linguagem rica, clara, profunda e precisa, sem ambiguidades, sem metáforas, sem contradições. Encontrar filósofos que não entrem em contradição em seus próprios textos é muito raro, mesmo na história da filosofia, pois normalmente eles acabam propondo algo que entra em contradição com o que já haviam proposto, em obra anterior. Eu até hoje, mergulhando por mais de 40 anos nas obras de Kardec, nunca encontrei uma contradição em suas 22 obras (23, se contarmos o Catálogo Racional).

Allan Kardec teve a habilidade de verter as revelações dos Espíritos superiores para uma linguagem direta, própria do discurso científico-filosófico, precisa, não metafórica, não mística, sem figuras de linguagem.

Fala-se em atualização da doutrina espírita! Mas atualizar o quê, se as leis divinas, base do Espiritismo, são inalteráveis, são eternas? O que está faltando hoje é o estudo da obra de Kardec! É necessário que as pessoas estudem mais, mergulhem nos textos kardequianos com seriedade, seguindo aquela recomendação que ele mesmo colocou na Introdução do Livro dos Espíritos: o estudo sério, que é feito com continuidade, com regularidade e com recolhimento. É nesse estudo contínuo que se vai formando a sequência das ideias: uma ideia se liga a outra ideia, que se liga a outra ideia, esta é a continuidade que precisamos construir.

Há pessoas que abrem livros ao acaso, leem um pedacinho, fecham e já vão ler pedaços de outro! Não se pode conquistar e organizar com clareza os fundamentos da doutrina se não for dada essa continuidade na lógica dos conceitos, que estão em suas obras.

Assim, são fundamentais a regularidade e a continuidade. A regularidade implica em estudar constantemente, diz respeito ao tempo; a continuidade diz respeito à epistemologia: diz respeito ao conhecimento, à forma de aprender, à forma de estudar. Ter continuidade é fundamental para se aprender a doutrina, pois é preciso entender os contextos em que os princípios, fundamentos e ideias foram colocados.

Mas, isso tem sido esquecido. Há pessoas que retiram frases do contexto e formam um entendimento equivocado sobre o assunto, não se preocupam em entender como aquela ideia está contextualizada nos princípios e fundamentos da doutrina. Leem um pensamento descontextualizado, e acham que entenderam a obra toda! Retirar frases do texto e do contexto provocará leituras equivocadas, seja qual for o autor. Então é necessário estudar com todo o cuidado de se ater fundamentalmente à precisão da linguagem de Kardec.

Para citar um exemplo simples, que temos acompanhado, há pessoas que comparam uma edição de uma obra com outra edição, como tem sido feito com a quarta e a quinta edições de A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo. Pegam uma frase e dizem que Kardec não teria mudado, porque isso é aquilo. Mas quando vamos verificar descobrimos que é a pessoa que está lendo mal; houve melhoria do texto, que ficou mais claro, e a ideia está mais bem transmitida. A pessoa não conhece bem o proceder de Kardec em sua obra, toma para si a tese de que houve adulteração e vai buscar o argumento na leitura; ela parte da convicção de houve adulteração para tentar encontrar o argumento nas comparações.

Sempre que comentamos essas comparações no nosso grupo de estudos eu mostro que devemos fazer o contrário: “Gente, foi Kardec quem fez, então vamos ver porque ele mudou, ver se não ficou melhor.” E aí a gente consegue descobrir por que ele fez a mudança, perceber que melhorou, que o propósito da mudança era o aperfeiçoamento do texto, procedimento natural em um grande escritor.

Está faltando o nosso empenho em nos debruçarmos sobre as obras em um estudo sério. Mas não se trata de estudar somente pelo estudar. O Espiritismo é uma doutrina científico-filosófica com consequências morais, e essas consequências morais são as mais importantes. Kardec diz algo que eu gosto muito de citar, diz na Revista espírita, quando ele responde a uma carta dos espíritas lioneses; ele diz que aqueles que querem ser os que mais entendem têm primeiro que mostrar maior prática da caridade!

Além disso, ele diz outra frase muito interessante: "Os erros de espírito pesam sempre menos na balança de Deus do que os erros do coração". O erro de espírito é aquele decorrente de uma leitura errada, de uma interpretação equivocada, e isso pesa menos que o erro de coração, que é a falta da caridade e de compreensão para com o outro que leu mal, que se equivocou. Mas se ao invés de compreendê-lo há agressão e ofensas, se gera violência e agressividade, o indivíduo está cometendo um erro muito maior, que é o erro de coração, o que é faltar com a caridade.

E Kardec afirma que se houvessem divergências entre pessoas, entre grupos, ele ficaria com aquele que mais caridade demonstrasse! Olha a sabedoria! Às vezes, dada a leitura, a fragilidade de conhecimentos, a falta de domínio da obra como um todo, a pessoa pode ter uma interpretação equivocada, e isso é natural em uma obra tão profunda e tão rica como é a obra do Espiritismo fundamental, as 23 obras de Kardec. É natural que às vezes se cometa um equívoco de interpretação, mas o que nunca pode ocorrer é a falta de caridade, criar brigas, dissensões entre pessoas, entre grupos, tudo equivocadamente, porque o objetivo é tentar ajudar o outro a compreender melhor a doutrina espírita. Aí está a caridade.

E para citar um exemplo pessoal, eu achava, há muitos anos, que existia um erro na resposta dos Espíritos à pergunta n.º 228 de "O Livro dos Espíritos", e demorei 6 anos para descobrir que o problema era meu, que era a minha leitura que estava equivocada. Era uma questão sobre paixões, então procurei conhecer melhor o tema e fui estudar os grandes pensadores sobre o assunto; e aí caiu a ficha: era a minha ignorância sobre a temática que não me permitia compreender a profundidade da resposta, e eu achava que tinha uma falha, um erro dos Espíritos.

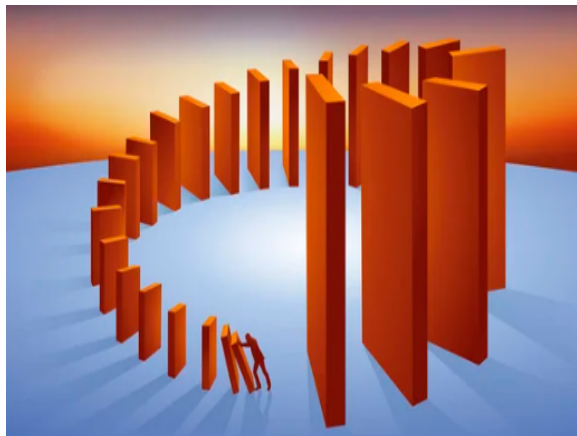
Então é muito importante levarmos mais a sério o estudo das obras de Kardec, estudar com dedicação, com afinco, e evitar discussões inúteis, brigas, rixas, em que acaba havendo falta de caridade, o que não é o propósito do Espiritismo. A lei fundamental da doutrina é a caridade, e nós seremos julgados não pelo conhecimento que tenhamos adquirido, mas pela prática da virtude, e a excelência da virtude é a caridade.

Tomemos todo o cuidado, nesses momentos que estamos vivendo, de estudar a obra com humildade, sabendo das nossas limitações, buscando aprender, e, acima de tudo, respeitando o outro, para que se crie um ambiente de verdadeira fraternidade, que é o que se espera dos verdadeiros Espíritas.

Cosme Massi

Fonte: ideak.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



AÇÃO E REAÇÃO OU CAUSA E EFEITO?

Na análise da dor, devemos admitir que alguém esteja sofrendo "pela causa" que abraçou, com vistas ao seu progresso espiritual, e não "por causa" de uma falta qualquer.

O princípio de "Ação e Reação", conhecido como a Terceira Lei de Newton (Isaac Newton, Físico e Matemático Inglês - 1642-1727), tem o seguinte enunciado: A toda ação corresponde uma reação de igual intensidade e sentido oposto.

De forma ortodoxa, e indiscriminadamente, esse princípio tem sido aplicado para justificar a razão do sofrimento do Espírito reencarnado em qualquer situação. Oportuno lembrar que o Codificador não usou desse raciocínio, não fez uso da Lei de Newton, e, sim, do axioma: não há efeito sem causa. Uma leitura superficial dos dois princípios poderá nos levar a conclusões erradas. Apliquemos, no caso do cego de nascença, os dois princípios, um de cada vez, e o leitor entenderá do que estamos falando.

Adotando o princípio da "Lei de Ação e Reação" (a toda ação corresponde uma reação de igual intensidade e sentido oposto), a situação do cego de Siloé deveria ser uma reação em sentido oposto a uma ação, no caso negativa. Teria cometido uma infração às Leis Morais do Criador. Mas vimos que não era o caso. Dessa forma, nem sempre podemos concluir que a dor seja uma reação.

O Mentor de Chico Xavier, Emmanuel, alerta-nos que é "imperioso interpretar a dor por mais altos padrões de entendimento. Ninguém sofre, de um modo ou de outro, tão-somente para resgatar o preço de alguma coisa. Sofre-se também angariando os recursos preciosos para obtê-la (...)". Com este entendimento é que devemos interpretar a situação do cego de nascença, que aceitou aquela condição para conquistar uma posição espiritual mais elevada. Se a dor corrige o passado e nos adverte no presente, também poderá estar construindo o nosso futuro. É a dor a serviço da evolução de todos nós, Espíritos imperfeitos.

Agora, aplicando o princípio não há efeito sem causa, à mesma situação, não resta dúvida de que encontramos no sofrimento daquele cego uma causa, que foi a sua avidez pelo progresso, seu desprendimento e amor à causa do Cristo. Permitiu-se nascer privado da visão para cooperar com a causa do Messias. A sua dor não era uma reação a nada, era a própria ação. Sofreu "pela causa" e não "por causa".

Como já dissemos, Allan Kardec adotou o princípio de causa e efeito e não de ação e reação para estudar e explicar as razões da dor e das aflições.

Conhecia, sem sombra de dúvida, a Terceira Lei de Newton, mas não a usou na apreciação das coisas espirituais.

Será que o "bom senso encarnado" percebeu que a lei do Físico Inglês não se prestava integralmente para a compreensão e esclarecimentos sobre as aflições? Entendemos que sim. O Mestre de Lyon trilhou com sabedoria, sem dogmatismo e com bom senso. Acompanhem-lo neste texto:

"Os sofrimentos devidos a causas anteriores à existência presente, como os que se originam de culpas atuais, são muitas vezes a consequência da falta cometida, isto é, o homem, pela ação de uma rigorosa justiça distributiva, sofre o que fez sofrer aos outros. Se foi duro e desumano, poderá ser a seu turno tratado duramente e com desumanidade; se foi orgulhoso, poderá nascer em humilde condição; se foi avaro, egoísta, ou se fez mau uso de suas riquezas, poderá ver-se privado do necessário; se foi mau filho, poderá sofrer pelo procedimento de seus filhos, etc."

Observemos que teve o cuidado de alertar o seu leitor escrevendo as expressões "muitas vezes" e "poderá", em vários momentos, não afirmando categoricamente que a dor seja sempre uma punição. Continuemos.

"Não há crer, no entanto, que todo sofrimento suportado neste mundo denote a existência de uma determinada falta. Muitas vezes, são simples provas buscadas pelo Espírito para concluir a sua depuração e ativar o seu progresso. Assim, a expiação serve sempre de prova, mas nem sempre a prova é uma expiação. Provas e expiações, todavia, são sempre sinais de relativa inferioridade, porquanto o que é perfeito não precisa ser provado. Pode, pois, um Espírito haver chegado a certo grau de elevação e, nada obstante, desejoso de adiantar-se mais, solicitar uma missão, uma tarefa a executar, pela qual tanto mais recompensado será, se sair vitorioso, quanto mais rude haja sido a luta. Tais são, especialmente, essas pessoas de instintos naturalmente bons, de alma elevada, de nobres sentimentos inatos, que parece nada de mau haverem trazido de suas precedentes existências e que sofrem, com resignação toda cristã, as maiores dores, somente pedindo a Deus que as possam suportar sem murmurar."

Como conclusão, o Espiritismo não nos autoriza generalizar o sofrimento como sendo uma punição, consequência de erros cometidos. Léon Denis, um dos continuadores de Kardec, que muito bem compreendeu a verdadeira missão da dor, ensina: "Todos aqueles que sofrem não são forçosamente culpados em vida de expiação."

Muitos são Espíritos ávidos de progresso, que escolheram vidas penosas e de labor para colherem o benefício moral que anda ligado a toda pena sofrida." E mais à frente:

"Às almas fracas, a doença ensina a paciência, a sabedoria, o governo de si mesmas. Às almas fortes, pode oferecer compensações de ideal, deixando ao Espírito o livre vôo de suas aspirações até ao ponto de esquecer os sofrimentos físicos".

A causa do sofrimento não somente está no passado ou no presente, mas também no futuro. A dor-evolução não está corrigindo erros cometidos, mas construindo um porvir venturoso para o Espírito em evolução. Sabemos que muitos deles reencarnam em missão na Terra, com o objetivo de impulsionar o nosso progresso moral e científico.

Tais Espíritos aceitam resignados, até mesmo com certa alegria, as adversidades e infortúnios de tal existência, por saberem que estão se adiantando na escala evolutiva (*O Livro dos Espíritos, questão 178*). Logo, sofrem as dores da evolução, aquela que vem de fora para dentro, ao contrário da dor-expição, que vem de dentro para fora, pois é purgação.

A reencarnação não é um processo punitivo; é manifestação da misericórdia divina. Não reencarnamos somente por sermos devedores, mas, acima de tudo, porque a vida na matéria significa oportunidade de crescimento em todas as latitudes espirituais. A evolução é lei divina e, por isso, imperiosa. Sofremos, vez ou outra, pela causa que abraçamos e não somente por causa de alguma infringência às leis divinas.

Na apreciação das causas das dores e aflições por que passamos, nem sempre é correto adotar o princípio de "ação e reação", concluindo que a dor seja sempre uma reação oposta a uma ação ilícita. Os Espíritos Superiores nos ensinam que para todo efeito existe uma causa, mas não asseguram que o sofrimento seja sempre um efeito, pois no caso do cego de nascença, ele era isento de culpa. A causa da sua desdita existia sim! Estava no seu desejo de cooperar com a causa do Messias de Deus.

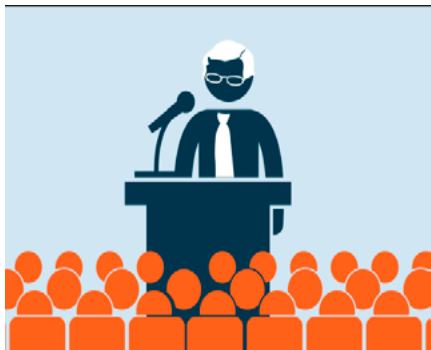
A despeito da nossa dificuldade de andar de braços com a dor, na condição de amiga, insistindo em nos conduzir aos píncaros da glória espiritual, esforcemo-nos para compreender, à luz da fé racional que o Espiritismo nos trouxe, a exortação de Jesus no Sermão do Monte, consolando os sofredores: "Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados".

Fonte: Revista Internacional de Espiritismo | Janeiro/2001

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

A negação do porvir, a simples dúvida sobre a vida futura, são os maiores estimulantes do egoísmo, fonte da maioria dos males da humanidade.

Allan Kardec – O que é o Espiritismo?, Terceiro diálogo – o padre.



UM DISCURSO DE ALLAN KARDEC

"Na coleção da Revista Espírita há trechos de profundo ensinamento sobre assuntos doutrinários importantes, que até parece que foram escritos hoje por Allan Kardec".

A *Revista Espírita* (*Revue Spirite*) ⁽²⁾, cujo primeiro número saiu no dia 1º de janeiro de 1858, e que se chamou igualmente, *Jornal de Estudos Psicológicos*, é um repositório doutrinário de alto valor histórico e cultural para o conhecimento do Espiritismo. Nenhuma fonte de consulta, no que diz respeito ao verdadeiro pensamento da Doutrina Espírita, além da própria Codificação, poderia ser mais fiel e mais autorizada.

Pena é que muita gente não leia. Se há, realmente, quem não leia porque não pode, não tem ambiente nem tempo, também há quem não goste de ler, ainda que haja tempo e vagares.

Há tanta coisa importante naquela coleção da Revista. Bastaria, se não fossem outros assuntos, que todos lessem pelo menos o que está no corpo de alguns discursos de Allan Kardec, pondo em foco, em oportunidades diversas, os mais sérios e mais frisantes problemas do Espiritismo, não apenas para aquele momento, mas para o futuro. Há trechos, por exemplo, que se ajustam inteiramente ao momento atual; até parece que Allan Kardec estava entre nós, vivendo as nossas experiências.

Um desses discursos, que são páginas de profundo e marcante ensinamento, ainda para os espíritas de hoje, foi o de 10 de abril de 1862, na abertura do ano social, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas ⁽²⁾. Está na Revista Espírita de junho daquele ano, logo na primeira página. Falando, a certa altura do discurso, sobre o relativo conhecimento que têm os Espíritos desencarnados, porque não possuem toda a sabedoria ⁽³⁾, como pensam, ingenuamente, certas pessoas, frisou Allan Kardec, muito de propósito, que os Espíritos estão longe de possuir a soberana ciência, e que se podem enganar. É uma verdade pacífica, uma verdade elementar, não há dúvida, mas o certo é que muita gente não admite, nem por sombra, que um espírito possa errar alguma vez!... A palavra de um Espírito, para algumas categorias de crentes é uma sentença definitiva: "veio do Alto é a verdade, não se discute"! Isto é o que se pode chamar, em tudo por tudo, um raciocínio simplista. E com essa simplicidade, que pode ser, às vezes, muito prejudicial à compreensão da própria Doutrina Espírita, certas frases cedidas, que não se sabe se vieram realmente do Espírito ou do médium, passam logo a tomar foros de dogma, como se fossem a última palavra, como se fosse a própria sapiência divina.

Até mesmo uma frase literária, que apenas soa muito bem aos nossos ouvidos, mas não tem a necessária consistência científica ou filosófica, pelo simples fato de ser de um Espírito, adquire uma importância tal que termina sendo, em suma, um caso de "citação obrigatória". Tudo isto, afinal de contas, está em desacordo com o verdadeiro espírito da Doutrina.

É bom lembrar, ainda mais, a advertência de que os Espíritos, por vezes, ensina Kardec, "emitem idéias próprias, justas ou falsas". Veja-se bem: idéias próprias, diz o Codificador. A opinião de um espírito seja qual for o médium, seja qual for a categoria desse espírito - é sempre uma opinião própria, não é um princípio doutrinário. E ainda Kardec quem fala: os espíritos superiores querem que o nosso julgamento se exercite em discernir o verdadeiro do falso, aquilo que é racional daquilo que é ilógico. Nada mais sensato, mais oportuno. O problema existe, ainda hoje, os exemplos estão aí. As palavras de Kardec, que falava em Paris, no ano de 1861, ainda servem, inteiramente, para o momento atual.

É preciso levar em conta, sempre, que o médium não é um oráculo, como não é um santo: É uma criatura em situação especial na vida, com uma carga pesadíssima de responsabilidade espiritual e humana. Em lugar de se endeusar o médium, querendo fazer dele um ser infalível, como se não fosse também uma criatura humana, sujeita a certos riscos do ambiente terreno, o que se deve fazer é ajudá-lo com assistência espiritual, é apoiá-lo moralmente, evitando que certas idéias perigosas, certas presunções de superioridade ou de santidade lhe penetrem a alma.

Devemos orar sempre pelo médium que é um irmão, colocado em posição delicadíssima, a fim de que ele jamais se deixe envolver por influências negativas e seja um instrumento cada vez mais eficiente na missão que a sabedoria divina lhe colocou sobre os ombros. Não é de hoje que se observa o problema dos melindres no campo mediúnico, prejudicando e desvirtuando muitos médiuns da bendita seara da caridade. Lembremo-nos, como simples ilustração histórica, que já na época de Kardec, e vai para mais de um século, havia uns tantos casos de médiuns que desconfiavam dos outros com medo que lhe fizessem sombra ou lhe apagassem a projeção. O problema vem de muito longe. Isto, na realidade, é uma porta aberta para a desorientação, podendo levar o médium a comprometer gravemente a sua missão ou sacrificar todo o seu passado.

Quando entra qualquer forma ou resquício de suscetibilidade na esfera mediúnica, começa a aparecer também o espírito de concorrência, isto é, o médium A tem receio de que o médium B venha concorrer com ele; o médium C fica prevenido com o médium D, pensando que o outro venha a suplantá-lo e assim por diante. Muitas vezes os problemas ocorrem por culpa dos comportamentos exagerados, que formam partidos ou alas no campo mediúnico, jogando um médium contra outro.

Quem o maior prejudicado? O próprio médium, não é verdade? Quem sofre com isto: A própria causa espírita, que perde, assim, um instrumento produtivo. Quando o médium chega a ponto de não aceitar críticas nem advertências sensatas e amigas, naturalmente já está fora das verdadeiras diretrizes da missão mediúnica. Para rematar, vamos reproduzir, aqui, mais uma oportuníssima observação de Allan Kardec, no magistral discurso de 1862:

...como discutir comunicações com médiuns que não suportam a menor controvérsia, que se melindram com uma observação crítica, com uma simples observação e acham mau que não se aplaudam as coisas que recebem, mesmo aquelas inçadas de grosseiras heresias científicas?

Eis, aí, uma advertência ainda necessária, porque o problema se repete, ainda hoje, e a cada passo de nosso movimento. Se a comunicação é do Espírito, pois o médium é apenas instrumento, não há motivo para qualquer indisposição ou mágoa do "aparelho mediúnico" diante das críticas, especialmente quando as críticas são construtivas e caridosas. Vem, por fim, nova e judiciosa observação do Codificador: Disso resulta que o médium que se acha em tais disposições está sob o império de um Espírito que merece pouca confiança, desde que mostra mais orgulho do que saber.

Deixemos o resto do discurso de Allan Kardec para outros comentários, naturalmente quando houver oportunidade. A fonte está aí ⁽²⁾, já traduzida para a nossa língua, e, portanto, aberta a qualquer pessoa que se interesse pelo assunto. Seria bom, na realidade, que o maior número possível de espíritas, simpatizantes e principiantes lesse a preciosa coleção da Revista Espírita.

Não nos esqueçamos de que o médium precisa ser livre para ouvir e julgar as críticas que se lhe fazem e, por isso mesmo, o médium não pode ficar preso a uma instituição, nem a um grupo nem a uma pessoa, como se fosse propriedade particular. O médium precisa mais de oração e solidariedade espiritual do que propriamente de aplausos ou de preferências incondicionais. É um erro querer transformar o médium em motivo de puro vedetismo. A experiência que o diga.

Deolindo Amorim

(1) A Revista Espírita é uma coletânea variada de fatos, de explicações teóricas e de trechos isolados, que completam o que se encontra em O Livro dos Espíritos e em O Livro dos Médiuns, formando, de certo modo, a aplicação. Sua leitura pode fazer-se simultaneamente com essas obras, porém, mais proveitosa será, e, sobretudo, mais inteligível, se for feita depois de O Livro dos Espíritos. (Sugestão de A. Kardec em O Livro dos Médiuns, Do Método - item 35.)

(2) "Um dos primeiros resultados de minhas observações foi que os Espíritos, não sendo outros senão as almas dos homens, não tinham a soberana sabedoria, nem a soberana ciência; que o seu saber estava limitado ao grau de seu adiantamento, e que a sua opinião não tinha senão o valor de uma opinião pessoal. Essa verdade, reconhecida desde o princípio, me preservou do grande escolho de crer em sua infalibilidade, e me impediu de formular teorias prematuras sobre o dizer de um só ou de alguns." (A. Kardec no livro Obras Póstumas, 2ª parte, Minha primeira iniciação no Espiritismo.

Fonte: espiritualidades.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.

Fora da Caixa



CULTURA



Luis Fernando Veríssimo: o cronista que ensinou o Brasil a rir de si mesmo

Luis Fernando Verissimo nasceu em Porto Alegre em 1936 e cresceu cercado de livros e histórias — não apenas por ser filho do escritor Érico Verissimo, mas porque logo cedo descobriu seu próprio talento para observar o mundo com ironia e delicadeza. Ao longo de mais de seis décadas de carreira, ele publicou cerca de 80 livros, entre crônicas, contos, romances, sátiras políticas e até literatura infantil, conquistando milhões de leitores. Seu estilo, leve e inteligente, o transformou em um dos cronistas mais populares do

país, capaz de rir das pequenas contradições do cotidiano sem perder o olhar crítico diante da política e da vida em sociedade.

Mesmo no fim da trajetória, manteve a vitalidade criativa: em 2020 lançou **“Verissimo Antológico: Meio Século de Crônicas, ou Coisa Parecida”**, uma coletânea que reuniu mais de 300 textos e serviu como balanço de uma obra já consagrada. Foi, em muitos sentidos, um testamento literário em vida.

Ao longo da carreira, recebeu distinções importantes como o Prêmio Jabuti de Livro do Ano em Ficção por Diálogos Impossíveis (2013), o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras (2014) pelo conjunto da obra, além de prêmios internacionais como o Prix Deux Océans, na França. Entre as curiosidades que marcaram sua trajetória, Verissimo também foi saxofonista apaixonado por jazz, fez parte do grupo Jazz 6 e chegou a trabalhar como tradutor e cartunista antes de consolidar-se como escritor. Sua importância para a cultura brasileira vai além da literatura: ele ajudou a moldar o humor, a crônica de jornal e a reflexão sobre a vida cotidiana, sempre com um olhar que unia crítica social e ternura.

Além da literatura e do jornalismo, Verissimo também deixou sua marca no teatro, na televisão e no cinema. Suas crônicas deram origem à série de sucesso **“Comédias da Vida Privada”**, exibida pela TV Globo nos anos 1990, que aproximou ainda mais seu humor do grande público.

No teatro, peças como ***“Sexo dos Anjos”*** e ***“A Comédia Mais Antiga do Mundo”*** revelaram sua habilidade de transportar a leveza da crônica para os palcos. Já no cinema, várias de suas histórias inspiraram adaptações, consolidando-o como um autor multifacetado, cuja obra atravessou diferentes linguagens sem perder a ironia, a crítica social e a ternura que o caracterizavam.

Verissimo morreu em 30 de agosto de 2025, aos 88 anos, em sua cidade natal, vítima de complicações de pneumonia. A notícia gerou comoção em todo o Brasil: leitores, escritores, artistas e políticos lamentaram a perda de um mestre do humor e da palavra escrita. Um legado que permanece vivo na literatura e na memória cultural brasileira.

15 obras marcantes de Luis Fernando Verissimo

- 1 – *O Popular: Crônicas ou Coisa Parecida (1973)*** – Estreia literária, reúne crônicas e cartuns de seus primeiros anos como jornalista.
- 2 – *A Grande Mulher Nua (1975)*** – Coleção de crônicas sobre o cotidiano, sempre com humor ácido e irônico.
- 3 – *As Cobras (1975)*** – Série de tiras em quadrinhos, criada para driblar a censura da ditadura, tornou-se um marco do humor gráfico brasileiro.
- 4 – *Amor Brasileiro (1977)*** – Crônicas que exploram o afeto e a ironia nos costumes nacionais.
- 5 – *Ed Mort e Outras Histórias (1979)*** – Apresenta o detetive malandro Ed Mort, que se tornou um dos personagens mais populares do autor.
- 6 – *O Analista de Bagé (1981)*** – Satiriza a psicanálise com um terapeuta gaúcho que prescreve “joelhaços”; sucesso no teatro e nos jornais.
- 7 – *A Mesa Voadora (1982)*** – Reúne contos que transitam entre o humor, a crítica social e a imaginação fantástica.
- 8 – *A Velhinha de Taubaté (1983)*** – Personagem símbolo da ingenuidade política, que satirizava os apoiadores cegos do regime militar.
- 9 – *Comédias da Vida Privada (1994)*** – Retratos divertidos da classe média urbana; deu origem à série de TV de enorme sucesso nos anos 1990.
- 10 – *O Clube dos Anjos (1998)*** – Romance da coleção “Plenom terapeuta gaúcho que prescreve “joelhaços”; sucesso no teatro e nos jornais.
- 11 – *As Mentiras que os Homens Contam (2000)*** – Crônicas bem-humoradas sobre as pequenas farsas do cotidiano masculino.

12 – *Borges e os Orangotangos Eternos* (2000) – Romance policial e literário, em homenagem a Borges.

13 – *O Opositor* (2004) – Romance alegórico com elementos de suspense e crítica política.

14 – *Os Espiões* (2009) – Romance em que um editor tenta salvar uma misteriosa autora; considerado um dos mais elaborados do autor.

15 – *Diálogos Impossíveis* (2012) – Crônicas em forma de conversas fictícias; venceu o Prêmio Jabuti de Livro do Ano em Ficção (2013).

Fonte: harpersbazaar.uol.com.br/cultura

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III, da Lei de Direitos Autorais.



Palavras em Verso, Prosa e Melodia

Alice Ruiz, nascida em Curitiba em 1946, é uma influente poeta, compositora e tradutora brasileira, conhecida por sua atuação na divulgação do haikai no Brasil. Sua carreira inclui a publicação de mais de vinte títulos, a autoria de letras de músicas para grandes artistas e parcerias musicais, além da conquista do Prêmio Jabuti em duas ocasiões.

A autora contemporânea foi casada com Paulo Leminski e, assim como ele, se inspirou na forma de poesia japonesa designada de haikai.

Em 2005 lançou seu primeiro CD, *Paralelas*, em parceria com Alzira Espíndola, com participação especial dos cantores Zélia Duncan e Arnaldo Antunes. Tem mais de 50 músicas gravadas por diversos intérpretes, como Adriana Calcanhotto, Cássia Eller, Gal Costa e Ney Matogrosso.

Poema do livro "Proesias"

Á magia da folha em branco consiste em deixá-la aberta, à es-
preita, sempre ao alcance dos olhos.
Ela nos olha e chama.
Inflexível em seu chamado e maleável aos nossos achados. Qual-
quer que seja. Uma ideia, um verso.
Um sonho.
Tudo cabe nela
Nenhum limite nos coloca a não ser o seu branco imaculado.
Sem palavras esse branco nos seduz a preenchê-lo.

Falta que se desfaz em apelo. E, ainda, em silêncio, esse mesmo branco, (vazio que se faz da soma de todas as cores/coisas) nos desafia com sua beleza, sua plenitude indefesa, sua inmensurável certeza, a encontrar uma palavra que seja igual ou, ao menos, próxima da grandeza desse branco, abismo visto do lado do avesso.

Técnica significado. Assim na arte, como na vida.
A forma exterior o interior, o invisível através do visível.

Poesia como um sorriso. Universal.

Palavra, ideia, pensamento, sonho.

Qualquer coisa capaz de sua luz.

Fonte: Compilação de Pesquisa

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item



Saúde Mental

O que é sharenting e o que os pais devem saber antes de postar fotos online

A paternidade no século 21 está muito fundamentada na tecnologia. De iPads mantendo crianças entretidas durante voos, até aplicativos que permitem que os pais rastreiem os feeds, desenvolvimento e outras ações de seus filhos, a tecnologia mudou o que significa ser pai e mãe. Além disso, as redes sociais adicionaram outra dimensão.

A criança média agora tem uma pegada digital que geralmente inicia depois que seus pais publicaram uma foto do ultrassom, convidando os amigos e familiares a compartilhar de um momento feliz por meio do "sharenting" (da junção de "share" ou compartilhar e "parenting" ou paternidade).

No entanto, alguns pais — especialmente os que adotaram as redes sociais ainda jovens — caíram na armadilha de publicar sobre seu filho com frequência exagerada, uma condição chamada de "oversharenting", o excesso de sharenting. Como qualquer coisa relacionada a redes sociais, isso envolve diversos riscos.

Por este motivo, é importante que os pais entendam como publicar nas redes sobre seus filhos com segurança.

O que é sharenting?

Sharenting refere-se à prática dos pais de compartilhar fotos de seus filhos na Internet. Geralmente, são imagens compartilhadas em redes sociais, como Instagram e Facebook, capturando momentos cotidianos das vidas das crianças, como os seus primeiros passos, passeios pelo zoológico, apresentações na escola e feriados.

Por mais que os pais queiram compartilhar as conquistas e as vidas de seus filhos com amigos e familiares, publicar fotos na Internet pode ser problemático. É claro que há também pontos positivos no sharenting. Por exemplo, pais costumam construir comunidades virtuais usando as redes sociais. Este pode ser um ótimo recurso na paternidade e dá aos pais de primeira viagem um senso de companheirismo durante o período em que mais sentem que não fazem ideia do que estão fazendo.

De maneira similar, para pais que vivem muito longe de outros amigos e familiares, compartilhar fotos de seus filhos online é uma maneira de envolver essas pessoas importantes na vida da criança. No entanto, quando pais compartilham imagens que contêm informações pessoais da criança ou detalhes que podem vir a ser vergonhosos quando ela crescer, o "oversharenting" pode se tornar um problema.

À medida que plataformas como Facebook e Instagram se tornaram mais difundidas na sociedade, o sharenting passou a ser bastante normalizado. Falando nisso, as estatísticas mostram que pais estão mais dispostos a compartilhar fotos e vídeos dos filhos na Internet.

Assim, cerca de 80% dos pais compartilhou fotos dos filhos em redes sociais e 33% nunca pediu permissão à criança antes de publicar uma foto dela.

Quais são os perigos do sharenting?

Embora publicar imagens de crianças possa parecer inofensivo, os pais precisam estar cientes de que publicar fotos na Internet — com familiares, com amigos ou publicamente — pode ser problemático. Portanto, há diversos fatores que os pais devem considerar antes de publicar fotos de seus filhos em redes sociais.

Estes são especificamente pertinentes, pois alguns podem apresentar perigos do sharenting, incluindo:

- A difusão das redes sociais;
- A permanência dos conteúdos digitais e da Internet;
- A possível vergonha da criança depois de crescer;
- Roubo de identidade com as informações compartilhadas.
- O problema é que, uma vez que as imagens estão online, os pais não têm como saber o quão longe elas podem chegar ou como outras pessoas podem usá-las.

Ainda há outro problema: o que quer que seja publicado, permanecerá lá para sempre, mesmo que o autor da publicação a exclua.

O **"oversharenting"** cria uma pegada digital da criança cuja foto foi publicada, o que apresenta diversas possíveis complicações, como a perda de privacidade ou golpes financeiros ou de identidade.

A seguir veremos em detalhes quais são os riscos do sharenting que os pais devem ter ciência:

Risco de roubo de identidade

Muitos pais não percebem que seus hábitos de sharenting expõem quantidades impensáveis de informações sobre seus filhos.

Uma pesquisa realizada pela Security ORG descobriu que cerca de 75% dos pais compartilhou uma foto, story ou vídeo de seus filhos na Internet e mais de 80% dos pais usam o nome real de seus filhos nas publicações de redes sociais.

Criminosos cibernéticos podem analisar fotos compartilhadas — e as suas legendas — para descobrir o nome, data de nascimento e localização da criança.

Combinando isso com outras informações, talvez obtidas por meio de phishing ou na dark web em violações de dados, esses agentes mal-intencionados podem roubar a identidade da criança para fins danosos.

Permanência do conteúdo digital

Embora muitas das plataformas usadas pelos pais para compartilhar fotos ofereçam o recurso de excluir publicações, isso pode não ser o suficiente para proteger uma criança.

Tudo que é compartilhado na Internet pode deixar um rastro permanente, mesmo que o autor remova sua publicação. Portanto, geralmente é melhor deixar de publicar uma imagem, do que arriscar o "oversharenting" com uma foto que possui informações confidenciais que podem colocar a criança em risco.

Perda de controle das imagens

Outro perigo do compartilhamento de fotos é que quem publica não tem controle sobre o que acontece com suas imagens depois que estão na Internet.

Embora alguns pais utilizem configurações de privacidade em seus perfis das redes sociais, depois de compartilharem fotos de seus filhos, eles têm poucos recursos para gerenciar o que as pessoas fazem com a foto.

Por exemplo, pessoas podem salvar as imagens e compartilhá-las com outras pessoas. As imagens podem ter sido alteradas e usadas de maneira incorreta por mal-intencionados.

Outro perigo do sharenting é que a maioria dos sites de rede social é dona de qualquer conteúdo publicado em suas plataformas. Esta cláusula geralmente está escondida nos termos e condições, aqueles pelos quais a maioria só pula para o fim sem ler.

Portanto, quando um pai ou mãe publica uma foto de seu filho na Internet, a plataforma na qual ela circula é proprietária da imagem.

Perigos do sharenting e assediadores

Outra possível consequência de pais publicando fotos dos filhos é a exposição involuntária da criança a assediadores de menores.

Na mesma pesquisa da Security ORG, descobriu-se que quase 80% dos pais dizem que têm conexões nas redes sociais com pessoas que nunca viram na vida. As imagens que os pais compartilham contêm informações que permitem que assediadores rastreiem as crianças.

Por exemplo, imagens que mostram a criança com uniforme da escola ou o nome da rua de casa, enquanto geotags podem permitir que pessoas com más intenções rastreiem a localização da criança em tempo real.

Além disso, já que os pais não conseguem controlar o quão longe essas fotos vão, é impossível saber onde elas vão parar e nem quais controles de privacidade estão vigentes.

Portanto, é importante que os pais não entrem no "oversharenting" com imagens de seus filhos e minimizem a habilidade de possíveis assediadores encontrarem e sequestrarem a criança.

Um dos maiores problemas do sharenting, como já apresentamos, é a questão da privacidade. Crianças são jovens demais para consentir que seus pais publiquem fotos online com familiares e outras pessoas, e até menores mais velhos podem não entender completamente as implicações de publicar na Internet.

O mesmo estudo recente da Security ORG também descobriu que 29% dos pais compartilham conteúdo sobre seus filhos sem consentimento da criança, e apenas 24% dizem que pedem permissão à criança sempre que vão publicar. Além disso, o estudo descobriu que 32% das crianças dizem que seus pais compartilharam um story, foto ou vídeo delas nas redes sociais mesmo depois de terem pedido explicitamente que não o fizessem.

Tudo isso sugere que compartilhar fotos na Internet tem problemas inerentes de privacidade entre pais e filhos.

Bebês, por terem habilidades de comunicação limitadas, são incapazes de dar consentimento informado sobre suas fotos publicadas. Mas é ainda mais importante que os pais considerem as ramificações do sharenting, especialmente à medida que a criança cresce.

Em certos países, como França ou Alemanha, o sistema legal dá às crianças o direito de propriedade sobre suas imagens. Embora o problema seja mais complexo nos EUA, ainda há questões legais e de privacidade a se considerar.

O canal do YouTube "DaddyoFive" demonstra por que essas questões são tão complexas.

O canal foi usado como evidência de comportamento abusivo por parte dos pais — os advogados também alegam que a maneira como os vídeos foram compartilhados foi uma forma de abuso — e resultou nas crianças sendo levadas sob custódia emergencial.

Assim que as crianças têm idade para entender redes sociais e as ramificações de publicar nessas plataformas, é importante que os pais comecem a pedir permissão para publicar fotos.

Isso não só demonstra que os pais respeitam a privacidade dos filhos, mas também ajuda a eliminar questões de privacidade entre as duas partes. Além disso, filhos envolvidos no processo decisório de quais fotos devem ser publicadas apresenta-lhes o conceito de comportamento online responsável antes deles começarem a usar redes sociais.

Outro problema de privacidade no sharenting é a intencionalidade ou falta dela. Por exemplo, pais geralmente tiram fotos dos filhos em eventos esportivos ou em apresentações. Em situações como estas, é crucial que os pais peçam permissão aos filhos para compartilhar fotos.

8 dicas de segurança ao publicar fotos com familiares e amigos

Sabendo dos perigos do sharenting destacados aqui, pais podem estar se perguntando se existe alguma segurança e se devem publicar fotos dos filhos. Essa é uma escolha muito pessoal.

Alguns pais decidem não publicar nenhuma imagem de seus filhos, mas para aqueles que querem continuar postando, há diversas maneiras de melhorar a segurança das fotos e minimizar os riscos do "oversharenting".

Verifique as configurações de privacidade: Certifique-se de que todas as publicações só podem ser vistas pela família e por amigos próximos, e remova o recompartilhamento das fotos. Permitir que estranhos e conhecidos vejam as imagens das crianças pode ser perigoso.

Tenha conversas sobre privacidade com amigos e família: Fale sobre proteger a segurança das crianças na Internet e defina limites do quanto podem engajar com as publicações.

Desative os metadados e a geolocalização: Não utilizar essas funções podem minimizar a habilidade de rastrear as crianças por meio do compartilhamento de fotos.

Não inclua informações identificáveis: Seja na foto em si ou nas legendas, não compartilhe detalhes que permitam que outros encontrem e rastreiem as crianças. Isso pode incluir nomes, datas de nascimento, escolas, lugares que frequentam ou até casas da família.

Evite usar nomes reais: Evite dar acesso aos nomes completos da criança na Internet. Em vez disso, utilize apelidos ou frases descritivas para crianças. Não use imagens possivelmente vergonhosas: Sejam fotos no banho ou com roupas engraçadas, essas imagens podem causar problemas à criança depois de crescer.

Use plataformas seguras: Em vez de compartilhar as fotos online, utilize plataformas mais seguras para mostrar imagens das crianças a amigos e familiares. Por exemplo: o WhatsApp protege as fotos com criptografia de ponta a ponta e dá aos usuários a opção de enviar fotos que podem ser vistas apenas uma vez.

Evite mostrar o rosto da criança: Para evitar o "oversharenting", alguns pais cobrem os rostos dos filhos antes de publicar suas fotos nas redes sociais. Isso pode ser feito usando "adesivos" dos aplicativos, como o Instagram, com ferramentas que apagam ou bloqueiam para ocultar o rosto.

Outras questões para considerar ao postar fotos online

Antes de publicar sobre os filhos nas redes sociais, os pais devem se perguntar algumas coisas.

Essas perguntas podem ajudar a evidenciar implicações das publicações e ajudá-los a decidir se são aceitáveis ou se são "oversharenting":

Por que a publicação está sendo compartilhada? Talvez para manter a família e os amigos atualizados sobre o desenvolvimento da criança ou só porque é um momento fofo? De qualquer forma, é importante entender a intenção da publicação.

Seria aceitável permitir que alguém compartilhasse uma publicação seme-lhante? Embora cada pessoa interaja com redes sociais de maneira diferente, é importante ponderar se haveria problema caso você estivesse do outro lado. Se a criança em questão já tem idade para entender e dar permissão, peça-a diretamente.

Há algo possivelmente vergonhoso sobre a publicação? Já que coisas publicadas podem deixar uma pegada permanente, entenda se a publicação poderia deixar a criança envergonhada no futuro.

A publicação contém algo que pode ser comprometedor? Como dito anteriormente, pense nas dificuldades que a publicação pode causar à criança mais tarde em sua vida. Talvez hajam sentimentos religiosos ou políticos que podem impedir a criança de conseguir um emprego em certa empresa na vida adulta, por exemplo.

A criança estaria feliz em ver a publicação como parte de sua pegada digital? Pense no que a publicação diz sobre a criança e sobre como ela vai querer ser vista depois de adulta. Será que a publicação será uma boa memória ou vai dar uma imagem negativa a ela?

Pense duas vezes antes de praticar sharenting

Sharenting é o resultado natural de um mundo em que as redes sociais são usadas espontaneamente para capturar momentos da vida e compartilhá-los com as pessoas.

Embora a prática tenha algumas vantagens, os pais deveriam pensar um pouco mais antes de compartilhar fotos de seus filhos na Internet.

Sharenting pode causar muitos perigos, incluindo roubo de identidade e exposição a possíveis assediadores. Além disso, pode resultar em repercussões negativas depois que a criança crescer, afetando uma busca de emprego, por exemplo.

Já que essa prática cria pegadas digitais da criança antes que tenham idade de consentir, ela também pode criar problemas de privacidade entre a criança e os pais, o que pode exaurir a confiança na relação.

Por todos esses motivos, é importante que os pais pensem duas vezes antes de publicar na Internet algo sobre seus filhos.

Fonte: kaspersky.com.br

Citação parcial para estudo, de acordo com o artigo 46, item III,

